

A Defesa Nacional

ASSUMPTOS MILITARES

(XV - Março-Abril - 171-172)

EDITORIAL

Balanço de Esperanças

A competencia dos administradores não se deve medir pela quantidade de trabalho despendido e sim pela natureza e valor desse trabalho. Do mesmo modo é preciso proceder na apreciação da utilidade desse mesmo trabalho.

Um homem de governo, audaz e que conseguisse reunir os meios necessários a manter, num paiz, effectivos militares elevados, á custa de premios individuaes, e que reunisse todo material para iniciar uma campanha, sem promover os meios de sua recuperação ou substituição, nada de util teria feito se não tratasse de obter bons estados maiores e quadros de officiaes, formando uma hierarchia real e capazes de se desdobrarem em relação logica com as necessidades de uma campanha. Seria semelhante obra não só inutil, mas negativa e prejudicial.

Com tal exercito poder-se-iam fazer bellos desfiles e revistas, não, porém, a guerra. A elle faltaria a alma, a mentalidade, pratica, o habito das acções da uerra e tudo teria de improvisar e por tudo seria surprehendido, quando houvesse de cumprir seus destinos finais de defender a nação contra a aggressão material dos seus inimigos.

A educação mental, o habito e a predisposição do espirito, para tratar as questões necessarias, faltariam a esse exercito tornando impossivel a seus diversos órgãos não só a apreensão instantanea das realidades, como seu trabalho harmonico e coheso, realizando a força.

Pensar na applicação de um exercito para a guerra, isto é, vê-lo realizando a ordem de batalha, transportando-se para o theatro de operações, atacando ou resistindo, manobrando, é sentir-lhe as necessidades, é pô-las em evidencia e ao mesmo tempo ter a noção do que é preciso fazer. A extrema complexidade do mecanismo

e do que entra em jogo para mantê-lo em estado de efficacia, faz desde logo surgir a conveniencia de ter um methodo simples e de haver uma doutrina de conducta formada de principios tambem simples, porque só desse modo será possível evitar a dispersão ou divergencia dos esforços parcellados e será possível estabelecer uma ordem natural, uma seriação nos empreendimentos a effectuar. Nenhuma duvida existe sobre o assumpto, no que diz respeito ás acções do campo de batalha, mas não parece entre nós universalizada a idéa de que do mesmo modo é preciso proceder nos trabalhos da paz.

* * *

Raras vezes no Brasil, e em nenhuma como agora, sentimos na athmosfera official symptomas evidentes que denunciam a comprehensão desta necessidade fundamental no manejo do Exercito: a defesa militar da nação é a razão principal de sua existencia, nos moldes das modernas organizações.

Não nos permitem os dados publicados vêr mais que indícios, mas estes se apresentam evidentemente no movimento dos quadros dando predominante importancia ás necessidades dos órgãos de tropa; na normalisação quasi completa dos serviços de intendencia, que agora têm logica e utilmente justificada sua apparatus surgidos no Congresso Nacional e que deixaram de se fazer lei, sensivelmente pelos maus processos de nossa politica geral.

Os projectos a que nos referimos atacam em traços geraes e de modo quasi completo a questão fundamental para o Exercito, a cellula mater de sua existencia, a questão dos quadros. Regulando a actividade, generalizando,

completando e escalonando o ensino profissional militar, e introduzindo regras novas que asseguram a acceleção da carreira aos que forem satisfazendo a provas de capacidade, cada vez mais exigentes, demonstra-se a existencia de uma boa orientação, decidida e firme.

Preferiríamos vêr completadas as disposições projectadas por uma lei que regulasse o movimento dos quadros e pela introdução, na que deverá regular a inactividade, de disposições taes, á maneira das leis chilena e argentina, que autorisassem e fôrçassem mesmo o governo a afastar dos quadros activos, conforme regras insophismaveis, aquelles que se tornassem improprios ás respectivas funções.

Quanto ao projecto sobre promoções, vê-se nelle apenas o desejo, ou a intenção, de estabelecer uma phase de transição necessaria para um regime definitivo, que seria prematuro instituir desde já, dada a verdadeira situação dos quadros actuaes. Encarando sob esse aspecto, nada haverá que dizer contra elle, a não ser que precisa ser completado e corrigido no sentido que já havemos indicado em nossas paginas.

Essa grande obra, em parte effectuada e em parte esboçada como assignalamos, deverá ainda ser engrandecida pela consideração do que poderíamos chamar a restauração do regime legal e das normas administrativas regulares, cujos beneficos effectos se pôdem constatar pela consideravel economia realisada sobre as dotações orçamentarias, tendo sido preenchidas como em nenhuma outra epocha as necessidades materiaes do commando da tropa e dos serviços; pelas promoções levdaas a effecto, das quaes, sobre 80 %, nada haverá que se dizer considerando a lei actual; e notadamente pela confiança que, de

facto, reina em toda parte, embora muitas vezes surjam manifestadas expressões de interesses pessoais mal satisfeitos. Sob esse ultimo aspecto, por honra nossa, não terão sido opostos á direcção actual do Exército graves obstaculos, o que transparece da opinião generalizada de que as medidas são necessarias muito embora um tanto rigidas e absolutas.

* * *

Ha incontestavelmente uma pequena melhora na mentalidade geral o que é um effeito benefico da acção impessoal visando conscientemente a realidade, isto é, as necessidades da preparação technica do Exército.

A obra a construir, até que a mentalidade geral atinja o seu completo desenvolvimento no sentido de sua apropriação ás necessidades de uma guerra eventual, é, porém, tão ampla que, a bem dizer restará tudo por fazer, si o que ha de fundamental não fôr solidamente estabelecido. Preciso é reconhecer que tudo depende dos homens que valem o que vale sua mentalidade, sendo muito raros, por outro lado, os que conseguem elevar-se acima da mentalidade do meio em que se desenvolvem e agem.

Não bastam cultura e intelligencia, é preciso caracter e são precisas as qualidades outras capazes de tornarem o homem insensível aos desvios do orgulho, da vaidade, do sentimentalismo ou de caprichos quaesquer, para que adquira superioridade sobre o meio ambiente para dominal-o e dirigi-lo como convem.

Talentos de escól, eruditos famosos, têm fracassado completamente a frente de empresas relativamente simples e muito aquém de seus cabedões, porque sua mentalidade não satisfaz, falta-lhes o conjunto de qualidades necessarias, sobram-lhes causas de desvios que os conduzem a seguir verdades incertas e mal traçadas, levando-os a perderem-se n'um emaranhado de detalhes.

E esta é a razão da necessidade primordial de pôr a obra em organização ao abrigo, quanto possível, de taes eventualidades, creando os elementos proprios e lhes dando vida bastante para que possam assegurar o continuo desenvolvimento de uma mentalidade apropriada e que reside, em principio, nos estados maiores e nos altos graus da hierarchia.

Aliás, visando a finalidade para a guerra, nada terá consistencia bastante, nem mesmo valor util, se fal-

tarem quadros bem constituídos realizando uma hierarchia real e estados maiores bem constituídos, em pleno funcionamento.

* * *

A dotação dos estados maiores de pessoal e meios indispensaveis tem ainda uma outra importancia que é impossivel desconhecer, mórmente agora com a criação do Conselho da Defesa Nacional. Representa esse novo órgão da defesa nacional a firme intenção de serem postas de accôrdo as instituições militares com as exigencias da guerra moderna que exige a maxima utilização dos recursos da Patria. E' o C. D. N. o elemento coordenador por excellencia funcionando como centro para onde convergem todas as informações, mas também donde devem emanar bem classificadas, conforme sua urgencia, e sua importancia, todas as providencias capazes de dar o maior rendimento aos recursos nacionaes em caso de guerra.

A efficacia do seu trabalho depende, porém, essencialmente do trabalho dos estados maiores, sem os quaes nada poderá fazer de verdadeiramente util e sujeito a um principio economico.

Os E. M. funcionando como órgãos de formação e assimilação da doutrina como de sua conveniente divulgação, são também o elemento de informação das exigencias technicas da guerra, o regulador das necessidades da evolução, tendo sempre em dia o balanço das necessidades e das possibilidades e o modo de ajustar, em qualquer momento umas com as outras.

Organisar, portanto, de modo satisfatorio e pôr em actividade normalizada os estados maiores é obra capital a realizar, hoje felizmente muito facilitada em nosso paiz.

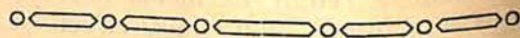
Empresa mais difficil é chegar a obter os commandos de um modo que satisfaça em plenitude ás necessidades. Para attingir tal méta será preciso vencer mais duras resistencias e esperar mais longo tempo, até que as leis de quadros que ora se iniciam produzam seus effeitos e até que o desenvolvimento dos recursos permitta a existencia de uma tropa como á sua bôa formação se faz preciso.

A realisação desta ultima condicção é também indispensavel á completa preparação dos estados maiores, mas evidentemente depende sua satisfação de um desenvolvimento prévio bas-

tante sensível dos commandos e dos estados maiores.

* * *

Tudo faz crêr felizmente que serão tomadas, muito brevemente, em consideração ampla estes aspectos fundamentais do problema militar, ha alguns lustros já amplamente debatidos, tendo sido, como já foi, iniciado o trato do problema dos quadros. E', pois, licito, em bôa logica, esperarmos confiantes no futuro, estando em cada um accelerar na respectiva esphera de acção o processo da evolução, cumprindo religiosamente seu dever em vista da collectividade. Em passada essa phase, se possa precisar bem os causadores de quaesquer insuccessos e que nenhum destes possa ser attribuido á acção individual de quantos têm para com a Nação o compromisso de sacrificar até a propria vida.



Escreve-nos o Sr. 1.º Ten. Francisco Silveira Prado:

"Quando, por occasião das competições athleticas com que commemorámos o centenario de nossa emancipação politica, se apresentou uma "equipe" brasileira de esgrima, que enfrentou, galhardamente, as da Republica Argentina, do Chile e do Uruguay, assumimos um compromisso que, embora pequeno, deve ser, rigorosamente, cumprido, afim de que não se apouquem, no exterior, os nossos creditos.

E' que os premios de esgrima, ao que pese á illustre commissão encarregada daquelle certamen, não foram, até hoje, distribuidos e já começam de ser relembrados.

Que nós, os brasileiros, que tudo fizemos para representar dignamente as cores de nossa auri-verde bandeira, delles abramos mão, está certo, tanto mais que já consitue grande gloria e honra para nós o havermos, bem ou mal, representado o proprio esforço nacional na intenção de dar provas de que não descuramos da pratica deste nobilissimo sport, rivalizando, nos torneos de 1922, com jogadores internacionais de escol, mas cobrar os premios, que o Brasil deve á Argentina, é um dever que se impõe a quantos não se fazem alheios, nem á esgrima, nem á cordialidade argentino-brasileira.

Pedimos, pois, a attenção de quem de direito, para que seja satisfeita esta pequena divida nacional, afim de que não supponham os argentinos, chilenos e uruguayos, competidores com-nosco na disputa dos campeonatos sul-americanos de esgrima, sermos um povo descuidado até de nossos proprios compromissos e promessas."

Notas sobre a instrução no quadro do Regimento de Cavallaria

(Vide n.º 169-170)

Pelo Major Collin

DA M. M. F.

A instrução dos Quadros tem por objectivo desenvolver-lhes as aptidões para commandar e instruir.

E' sempre possível (quaesquer que sejam os effectivos) e deve ser ministrada durante todo o anno.

PROCESSOS DA INSTRUÇÃO

A instrução dos quadros deve attender ás duas necessidades seguintes:

— Formar Instructores e Chefes.

Formação dos Instructores — Essa formação tem por base o conhecimento dos regulamentos. Assegurando esses a unidade de doutrina na Cavallaria, o commando deve cuidar que, em todos os escalões, sejam conhecidos, respeitados e applicados.

Além disso, o conhecimento dos regulamentos só vale pela arte com que são ensinados e applicados.

As aptidões para instruir são muito desiguais entre os graduados, mas podem ser aperfeiçoadas pelo estudo attento dos processos da instrução.

O Coronel no regimento e o Capitão no esquadrão, devem, pelos seus exemplos e conselhos, concorrer solidamente para o perfeito aperfeiçoamento dos seus quadros.

Formação dos Chefes — Essa formação consiste em familiarizar os quadros com a applicação dos processos de manobra e de combate, qualquer que seja a situação.

Compreende:

— a execução de alguns exercicios na carta, que serão aproveitados para acostumar os quadros á redacção de ordens e partes;

— exercicios no terreno, tendo por fim a instrução tactica dos quadros ou a instrução pratica da tropa.

Os Exercicios na carta e no terreno são dirigidos pelo cmt. da unidade superior á que manobra, ficando a direcção distincta do commando da tropa. A direcção intervem, representando o escalão superior, as tropas vizinhas e o inimigo (creação de incidentes, organização e direcção do serviço de figuração dos fogos e do serviço de arbitragem).

Estes exercicios devem ter um objectivo preciso.

As condições em que se desenvolvem devem ser precisas.

O terreno deve ser escolhido de modo a se prestar ao ensino visado. Quando fôr possível, ha vantagem:

a) em trabalhar no mesmo thema na ordem seguinte:

- exercicio na carta;
- exercicio de quadros sem tropa;

— exercicio de quadros com tropa;

— execução de tiros reaes correspondendo a uma ou varias phases do combate.

b) em estudar, durante a mesma sessão, uma só phase do mesmo exercicio.

c) em escolher os exercicios das unidades subordinadas no quadro dos exercicios das unidades superiores.

No decorrer desses exercicios, ligações e transmissões, reabastecimento e remunicação, e evacuações serão estudadas.

Depois de cada exercicio, o director mostra os erros e resume os ensinamentos (oralmente ou por scripto).

Um excellente processo consiste em resumir no boletim, os erros e ensinamentos sob a forma de um annexo tactico, annexo que será depois distribuido ás unidades.

Outro processo consiste em redigir e distribuir ás unidades uma especie de correcção escripta do exercicio.

Estes processos facilitam a diffusão mais segura de uma doutrina e de meios de execução communs, permitindo, tambem, aos quadros, momentaneamente ausentes, não perderem os beneficios dessa instrução.

Os exercicios na carta — têm por objectivo, seja realizar em sala um ensino particular, seja preparar ou criticar um exercicio no terreno.

Os exercicios no terreno — são executados em terrenos variados.

Os exercicios de quadro sem tropa limitam-se ao estudo do funcionamento dos E/M, grupos de commando e de unidades-quadros dotadas de todos os seus meios de ligação e transmissão.

Os exercicios de quadro com tropa são executados com unidades de manobras com effectivo de guerra e unidades-quadros, e desenvolvem-se seja em acção simples, seja diante de um plastron representando o inimigo, seja, enfim — com dupla acção, — o inimigo sendo, realmente, figurado por unidades de manobras.

Afim de evitar as inverosimilhanças, o inimigo age de accordo com as ordens do director do exercicio. Este ultimo póde, assim, suscitar os incidentes proprios para pôr em relevo, um erro ou provocar decisões racionadas e rapidas.

Todo exercicio mal executado, é immediatamente interrompido e recommençado inteiro ou parcialmente.

As operações dos destacamentos dos serviços de exploração e de segurança, são estudadas no quadro da grande unidade (D/C, D/I) ou destacamento de todas as armas) e em ligação com ella.

Os exercicios de combate executam-se, frequentemente, na hypothese de uma unidade enquadada.

O director do exercicio fixa as con-

dições de manobra: phases, altos previstos, signaes, toques, terrenos ou pontos de passagem impraticaveis, figuração dos fogos — actividade aerea — e organisa o serviço de arbitragem.

No decorrer desses exercicios, o director exige que os seus subordinados deem ordens, sem commentarios explicativos.

Esses commentarios poderão ser feitos na critica, si o director do exercicio julgar necessarios.

Essa gymnastica do espirito, repetida muitas vezes, leva os quadros a decidir rapidamente e exprimir a sua vontade de modo claro, preciso e completo, quaesquer que sejam as circumstancias.

Na guerra, e particularmente na Cavallaria, o bom exito pertence muitas vezes ao chefe cuja rapidez de decisão e de acção surprehe o adversario em via de manobra, tornando, assim, vãs as ordens dadas por esse ultimo.

A instrução dos quadros (particularmente para os officiaes) deve procurar tambem desenvolver a sua cultura geral e, por conseguinte, o seu prestigio.

Este ultimo objectivo será realizado mediante conferencias (de regimento e de guarnição) pouco numerosas e sobre assumptos bem escolhidos e perfeitamente tratados.

Cada cmt. de unidade é encarregado da instrução dos seus quadros: o do esquadrão, na sua unidade e o Coronel, no seu regimento.

Essa instrução abrange:

- 1.º A instrução dos officiaes;
- 2.º A instrução dos sargentos;
- 3.º A instrução dos cabos;
- 4.º A instrução dos sargentos e cabos especialistas.

1.º A INSTRUÇÃO DOS OFFICIAES

A Instrução dos Officiaes é dirigida pelo Coronel que fica por ella responsavel.

Compreende:

- Uma instrução profissional e
- Uma instrução geral.

Instrução profissional — Tem por objectivo:

- diffundir entre os officiaes uma doutrina e processos de execução communs;
- formar chefes capazes de tomar decisões racionadas em todas as situações;
- desenvolver-lhes a iniciativa, a personalidade e o gosto pelas responsabilidades;
- acostumar-os a tomar soluções ousadas, porém, racionadas;
- manter os officiaes na pratica e no gosto dos sports e do emprego das armas;
- desenvolver as suas qualidades de instructor.

Todo official tem o dever:

- de conhecer perfeitamente todos os regulamentos de sua arma, cujas partes deve saber explicar, commentar e demonstrar;
- de possuir, no que concerne o emprego das outras armas, todos os conhecimentos necessarios á execução das multiplas missões que, de accôrdo com a sua situação, um official de cavallaria pôde ser chamado a desempenhar na guerra, seja individualmente, seja com a sua tropa;
- de aperfeiçoar, sem descanso, a sua instrução militar e geral;
- de se manter na pratica: de uma equitação vigorosa e ousada, e do uso das armas, quaesquer que sejam;
- de estar ao par de todas as suas attribuições como instructor, e dos methodos e processos da instrução.

O Coronel faz sentir a sua acção:

- por meio de algumas palestras sobre os pontos dos regulamentos que precisem ser esclarecidos;
- pela organização de sessões de equitação (carrière ou exterior, picadeiro, adestramento) para os officiaes;
- pela obrigação imposta a cada um dos officiaes de ter, além do proprio cavallo d'armas, um cavallo novo de adestramento;
- pelo estímulo que dá á participação dos officiaes nas provas sportivas, equestre e de tiro — (percurso de estafeta, campeonatos, concursos, cross countries e concurso de tiro);
- pela fiscalização constante da instrução dada nos esquadrões e pelotões;
- por meio dos exercicios na carta e no terreno, assignalados acima;
- por meio de algumas conferencias sobre a instrução geral.

Em principio, o Coronel dirige toda essa instrução, podendo encarregar o Major, ou um Capitão habilitado, da direcção da instrução equestre.

Aproveitará da presença, no corpo, de certos officiaes especialistas (em armas automaticas, em informações, em transmissões, etc.) para fazerem conferencias relativamente a assumptos particulares e preparar, assim, substitutos eventuaes.

Tomará providencias para que todos os tenentes façam, successivamente, um estagio no pelotão de metralhadoras regimental.

Instrução geral — Será ministrada nas condições indicadas no parographo "processos da Instrução".

2.º A INSTRUÇÃO DOS SARGENTOS

A instrução dos sargentos é dirigida, em cada esquadrão, pelo respectivo Capitão e tem por objectivo:

- Fazer os executantes perfeitos, sobretudo no que concerne a equitação e o manejo e emprego de todos os engenhos de fogo da cavallaria;

- Tornar os capazes de dirigir um reconhecimento, um pequeno posto e um grupo de combate, e de substituir, eventualmente, o official, no commando do pelotão;
- Tornar os capazes de instruir as escolas do cavalleiro e do pelotão, e de secundar os officiaes na instrução.

Essa instrução comprehende:

- a) Uma instrução theorica e
- b) Uma instrução tactica.

a) Instrução theorica — Essa instrução comprehende as bases da instrução e os annexos do R/ I/ Q/ T, no que lhes diz respeito, as escolas do cavalleiro, pelotão e esquadrão, os regulamentos de instrução physica, de tiro e de serviço em campanha, no que concerne ao posto e ás funções que porventura tenham de desempenhar e, emfim, as noções de hygiene e hippologia;

b) Instrução pratica — Essa instrução, conduzida ou fiscalizada de perto pelo Capitão, tem por objectivo preparar os sargentos:

- para o seu papel de instructor;
- para o cumprimento das missões que lhes possam tocar em campanha, seja isoladamente, seja no quadro do pelotão ou do esquadrão;
- para o seu papel eventual de commandante de grupo de combate.

Essa instrução é ministrada, conforme as indicações dadas no inicio deste estudo e deve ser conduzida num sentido muito pratico.

De accôrdo com as ordens do coronel, os sargentos, ou pelo menos os melhores, tomam parte em certos exercicios dos officiaes (na carta e no terreno), o que lhe permite fiscalizar a instrução dada nos esquadrões e rectificar os erros de direcção.

Além disso, os sargentos devem ser, frequentemente, exercitados:

- na leitura da carta;
- na orientação com a bussola;
- na redacção de ordens e partes;
- no estabelecimento de croquis rapidos e
- no emprego do binoculo e do millesimo.

O valor dos sargentos, como executantes, será desenvolvido:

- por meio de sessões de equitação proprias para crear cavalleiros de bom assento, ousados e aptos para tomar parte no adestramento dos cavallos novos;
- pela participação dos mesmos nas provas equestres (percurso de estafeta, concursos, cross-countries e nos concursos de tiro).

O Coronel faz sentir a sua acção por meio de uma fiscalização constante, não só sob o ponto de vista profissional, mas tambem sob o ponto de vista do valor disciplinar e moral dos sargentos.

Deve designar alguns delles para tirar o curso da respectiva Escola.

3.º A INSTRUÇÃO DOS CABOS

Todo cabo deve ser capaz:

- de commandar a esquadra respectiva em todas as circunstancias da vida de campanha e no combate;
- de ensinar a escola do cavalleiro a pé e participar como monitor na do cavalleiro a cavallo.

Instrução theorica — A instrução theorica abrange o estudo e o conhecimento litteral das noções elementares do regulamento: parte relativa á instrução dos cavalleiros, escola do pelotão e as funções dos cabos no Serviço em campanha e nos serviços interno e de guarnição.

Instrução pratica — Praticamente o cabo deve:

- ser um bom executante, sobretudo na equitação e no tiro;
- saber desempenhar as funções de cmt. de esquadra no grupo de combate (volteadores — fuzileiros) e nas Secções de metralhadoras;
- saber conduzir uma patrulha e commandar um pequeno posto (com partes e croquis);
- ter noções de hippologia (cuidados com os cavallos; penso, toilete).

4.º A INSTRUÇÃO DOS SARGENTOS E CABOS ESPECIALISTAS

Os sargentos e cabos especialistas devem possuir um conhecimento especializado, assim como a pratica completa do material que têm de empregar.

São na instrução, os auxiliares dos officiaes encarregados da instrução das especialidades.

Recebem uma instrução tactica da sua especialidade, no decorrer dos exercicios de conjuncto, no quadro da sua unidade.

A despeito das difficuldades materialmente e de terrenos de exercicios (necessidade de um material apropriado) essa instrução deve ser activamente aperfeiçoada.

Os sargentos e cabos especialistas podem ser enviados aos centros de especialidades para, ahi, receber uma instrução technica mais completa.

DOS CANDIDATOS A CABOS

Os candidatos a cabo do regimento recebem instrução num pelotão especial, sob a direcção de um official designado pelo Coronel.

Este pelotão inicia os seus trabalhos o mais tardar no começo do 2.º semestre da incorporação do 2.º contingente e compõe-se da totalidade dos candidatos fornecidos pelos dois contingentes.

A instrução dura, em principio, tres mezes.

Os candidatos a cabo são propostos pelos commandantes de esquadrão e designados pelos dos corpos.

São escolhidos entre os cavalleiros que revelem intelligencia, capacidade de trabalho, robustez e espirito de disciplina, e que pareçam ter aptidão para o commando.

Seu numero é fixado de accôrdo com

as necessidades de graduados que se possam prever, tanto para o Exercito activo como para a reserva, levando em conta as diminuições inevitáveis.

Os candidatos a cabo conservam-se nas suas sub-unidades (para os misteres da vida quotidiana da caserna) e podem participar de certos exercicios importantes ou revistas prescritas pelos commandantes de corpos.

São reunidos, diariamente, e a maior parte das vezes, de manhã e á tarde para o adestramento do pelotão especial a que pertencem (R/ I/ Q/ T).

A sua instrucção comprehende:

- O Estudo dos 1.^{as} elementos dos regulamentos, limitados ás partes importantes que devem ser conhecidas litteralmente notadamente as escolas do cavalleiro a pé e a cavallo).
Noções summarias sobre as prescripções regulamentares relativas ás escolas do pelotão e do esquadrão.
Conhecimento das funções de cabo e de sargento, no serviço interno e de guarnição;
- A pratica completa da conducta da patrulha e do commando do posto;
- A pratica completa da conducta da esquadra (volteador ou fuzileiro);
- O Estudo e a pratica profunda de todas as armas do pelotão e a pratica da metralhadora.

No fim do curso, todos os candidatos a cabo do regimento fazem exame juntos e recebem grãos relativos aos seguintes pontos:

- Attitude e espirito de disciplina;
- Vigor a cavallo e no emprego das armas;
- Conhecimentos theoricos e practicos;
- Aptidão para o commando e
- Aptidão para instructor.

“Os melhores classificados serão promovidos a cabo no limite das vagas existentes e, posteriormente, á medida que ellas forem occorrendo.

Os que tiverem sido approvados, mas não forem promovidos por falta de vaga — durante o seu tempo de serviço activo, — passarão para a reserva como cabos, quando houver vagas desse posto nos quadros de mobilização da unidade”. (R/ I/ Q/ T).

DOS CANDIDATOS A SARGENTO

A instrucção dos candidatos a sargento, iniciada pela instrucção dos quadros do esquadrão, é feita, dentro do regimento, num pelotão especial, sob a direcção de um official designado pelo Coronel.

“Este pelotão comprehende os candidatos ao posto de sargento, da activa ou da reserva, isto é, cabos e, eventualmente, cavalleiros que, tendo sido approvados no exame para cabo e nelle obtido boa classificação, não puderam ser promovidos por falta de vaga.

Abrange tambem os voluntarios de 4 mezes candidatos a sargento, de que tratam os artigos 9 letra “d” e 39 do R/S/M.

O curso de candidatos a sargento funciona durante 2 ou 3 mezes e começa, no minimo, um mez depois de

terminado o curso do pelotão de candidatos a cabo”. (R/I/Q/T).

O programma da instrucção theorica é o mesmo que o dos sargentos. O de instrucção pratica, abrange:

- A conducta da patrulha e o commando do posto;
- A conducta do grupo de combate e
- A leitura da carta, a utilização da bussola e do binoculo, e a redacção de partes e a execução de croquis.

“Os candidatos a sargento, que façam parte do respectivo pelotão para fins de instrucção, conservam-se nas sub-unidades e vão ao exercicio principal diario. A instrucção desse pelotão comprehende, unicamente, sessões especiaes e de aperfeiçoamento.

A classificação é feita de accôrdo com o resultado do exame final e influirá decisivamente nas promoções. Tambem neste posto, as promoções, que se não fizerem por falta de vaga, poderão effectuar-se no momento da passagem para a reserva”.

DO PESSOAL DO SERVIÇO DE CONTADORES DO CORPO E DAS SUB-UNIDADES

A instrucção desse pessoal (sargentos e cabos contadores, furrieis e do material bellico) é dirigida pelo Fiscal e ministrada pelos officiaes contadores, de accôrdo com as ordens do commandante do corpo e fóra do serviço quotidiano.

ANNEXO I

CONSELHOS AOS INSTRUCTORES DA TROPA

1.^o — Para instruir bem é preciso que o instructor conheça os seus instruendos:

- Physicamente, os seus meios e
- Moralmente, os seus recursos de intelligente e de instrucção, e os seus sentimentos.

Estudal-os e clasifical-os sob esse duplo ponto de vista, eis um dos principaes escopos do instructor, que terá de tirar, em muitas occasiões, o maximo de provimento dessas imprescindiveis qualidades.

A primeira classificação, sendo facil, será feita depois de pouco tempo.

A segunda exige-o mais e requer do instructor qualidades de psychologo.

Observar os seus instruendos e ganhar a sua confiança, devem ser preoccupações constantes do instructor.

Do exposto, conclue-se que:

- A instrucção deve ser individual.

Sendo esse idéal de realização difficil, ella deve ser ministrada, pelo menos no inicio, em pequenos grupos de cavalleiros e, tanto quanto possivel, homogeneos.

Esse methodo tem a vanta-

gem de poder a instrucção ser proseguida normalmente, pois não sendo seguida pelos retardatarios, esses não a perturbam.

- A cada grupo dar-se-á o monitor que lhe seja conveniente, afim de se obter o maximo de rendimento:

Aos de intelligencia escassa, pouco instruidos e tímidos, um monitor calmo, astuto, moderado e capaz de se fazer comprehender e

Aos demais, um monitor de temperamento mais vivo dará, talvez, melhores resultados.

No esquadrão, o Capitão, que deve conhecer perfeitamente os seus quadros, effectuará essa escolha.

Elle deve ter em vista, que instruir e commandar são cousas diferentes, e que tal official ou graduado, que commanda perfeitamente a sua unidade, não a instruirá tão bem como aquelle outro.

2.^o — O methodo da instrucção deve ser demonstrativo.

A instrucção materializada é mais rapida, menos fastidiosa e mais facil de ser guardada.

Todo ensinamento novo, quer se trate de instrucção individual a pé ou a cavallo, de serviço em campanha, ou de formações e evoluções, deve ser previamente executado por cavalleiros antigos, para que os recrutas gravem-no nitidamente.

Feito isso, o assumpto é explanado e explicado aos ditos recrutas pelo respectivo instructor, que, em seguida, fará repetir o que foi feito anteriormente, corrigindo-os e explicando-os, novamente, na parte ou partes que não forem bem executadas.

Procura todos os meios materiaes que facilitem o desenvolvimento da instrucção, fazendo resaltar á vista os diversos assumptos por meio de quadros schematicos, desenhos, dizeres affixados nos alojamentos, refeitórios, cinematographos, etc.

3.^o — O methodo de instrucção deve procurar, tambem, desenvolver o julgamento.

Nunca se deve dar um ensinamento nem corrigir um erro sem a apresentação da respectiva prova.

Mostrar a razão de ser de tudo quanto se ensina.

Ir do simples ao composto.

Jámais fazer abstracção do terreno e do inimigo.

4.^o — A progressão, que não é intangivel, nenhum outro escopo tem a não ser o de guia.

O instructor recebe do capitão as instrucções sobre o objectivo a atingir e a consequente progressão.

No caso de ser o referido objectivo attingido antes da épo-

ca fixada, esse facto não deve tolher a acção do instructor, que passará, sem demora, a tratar de novos assumptos, sem ficar, de modo algum, preso a datas previstas. No caso contrario, demorar-se-á nos assumptos até que fiquem perfeitamente conhecidos dos cavalleiros.

5.º — Toda sessão de instrucção deve ter um fim preciso e fixado pela progressão do Capitão.

6.º — Toda sessão de instrucção deve ser preparada de antemão pelo Instructor.

Essa preparação comporta uma parte intellectual e uma material.

A 1.ª, consistindo na escolha do terreno e, se fôr o caso, na dos incidentes que melhor ressaltam aquillo que se deseja ensinar.

Da ultima faz parte a repartição dos diversos papéis entre os monitores, previsão do material e, se fôr o caso, a sua collocação no terreno (manequins, signaes convençionados, segundo um código, para representação do inimigo e dos seus fogos, etc., e uniforme da tropa).

7.º — A instrucção deve fugir á abstracção e ser, antes de tudo, pratica.

A abstracção não seria comprehendida.

D'onde: pouca palavra e muita acção.

Não pedir ao homem para dar uma explicação, mas propor-lhe um problema e dizer-lhe: Execute!

8.º — A instrucção deve fugir ao aborrecimento e á monotonia.

A repetição dos mesmos gestos causa fadiga e tedio.

Variar os exercicios.

A instrucção por grupos e a permutação circular entre os mesmos permitem obter esse resultado.

Não prolongar uma sessão de instrucção com homens que tenham attingido o fim fixado, mas sim fazer, caso seja preciso, classes de retardatarios, proseguindo com os demais.

Tornar a instrucção attrahente.

9.º — O trabalho deve ser continuo durante as sessões de instrucção.

Não se deve perder tempo, principalmente durante os deslocamentos do quartel para o terreno de exercicio ou para o campo de tiro.

Durante uma sessão de instrucção, os homens ou fornecem o esforço maximo, ou descansam. Não ha situação intermediaria.

Recompensar os que trabalham, dispensando-os desde que tenham obtido o resultado desejado, é de todo util.

Isso servirá de estímulo aos preguiçosos.

10.º — A instrucção deve ser ministrada com energia, sem descuidar-se da saúde dos homens.

D'ahi a necessidade de:

- Dar-lhes momentos de repouso;
- Modificar o exercicio se a temperatura assim o exige;
- Fazer com que tomem as precauções necessarias;
- Manter-se ao corrente de seu estado de saúde e mandar á visita medica os que, por timidez, não se queixam.

11.º — A instrucção deve ser ministrada energica, ordenada e methodicamente.

Querer, mas querer sómente aquillo que é possivel.

Saber o que se póde obter a todo momento.

12.º — A instrucção deve ser ministrada com humor.

A alegria é uma qualidade congenita da arma.

"La victoire est au dernier gai".

"La gaieté est un courage — un courage de plus".

13.º — Esforçar-se para que tudo corra depressa e bem.

E' outra qualidade cavalleirosa a desenvolver, quer a pé, quer a cavallo e em todas as occasiões.

14.º — A instrucção deve ser ministrada fóra dos quarteis.

Será assim mais attrahente. Mudar cada dia de terreno.

15.º — O instructor deve dar o exemplo de iniciativa, desenvolvendo-a entre os subordinados, porque:

- Creia a responsabilidade que estimula a acção;
- A guerra deixa o graduado, e mesmo o soldado, fóra, muita vez, da autoridade do chefe.

Para que os homens nada façam passivamente e actuem em todas as occasiões no sentido desejado, é necessario que a isso se tenham acostumado.

O espirito de iniciativa é uma das qualidades caracteristicas da arma. Importa, pois, desenvolvê-lo entre os cavalleiros sob as duas condições seguintes:

- a) O chefe embora deixando agir, reserva a si o direito de verificação e
- b) A iniciativa só é deixada áquelles que sejam merecedores de confiança, isto é, capazes de pensar e agir como se deseja.

16.º — O instructor deve ser correcto e os homens devem perceber o interesse que toma pela instrucção.

Deve impor-se quer como executante, quer pelo saber. A tropa é o reflexo do chefe.

17.º — O lugar do instructor é aquelle onde melhor possa ser ouvido, e visto, e, tambem, melhor possa vêr.

Os auxiliares verificam a execução dos detalhes.

18.º — O instructor deve applicar o principio do estímulo para a criação de homens de escol:

- a) Atiradores, metralhadores, esclarecedores, fuzileiros, granadeiros, cuja utilidade não ha necessidade de commentarios.
- b) Além disso, uma elite moral que será, em campanha, o núcleo de homens de confiança, com os quaes o chefe póde contar e que o comprehendem nos seus menores gestos, pois que pensam com elle.

Em tempo de paz, esse grupo de homens de escol formará o nucleo em redor do qual crystalizar-se-á, pouco a pouco, o conjuncto da unidade.

19.º — O espirito de disciplina deve ser constantemente incentivado.

Desenvolvel-o durante a vida militar e por todos os meios.

Toda sessão de instrucção é iniciada por uma inspecção meticolosa dos uniformes e termina por alguns movimentos de ordem unida.

20.º — Introduzir a idéa do emprego tactico desde o começo da instrucção.

O recruta deve, desde o inicio da instrucção, receber a noção da guerra.

Esta noção consiste, essencialmente para elle, na obrigação de pôr o adversario fóra de combate, e no conhecimento do perigo a superar: matar ou arriscar-se a ser morto.

O mosquetão, sendo a arma primordial do cavalleiro, é necessario collocar-o, desde o inicio, em suas mãos, não para fazer manejo d'armas, cuja utilidade não seria comprehendida pelo recruta, mas sim para atirar e servir-se da sua bayoneta, afim de botar um inimigo fóra de combate.

Quanto a sentir o risco de ser morto não se poderá conseguir se não forem materializados os effeitos do fogo inimigo; e, além disso, a materialização do fogo amigo mostrará a possibilidade de lutar, victoriosamente, contra o outro.

Ademais, o facto de agir sempre em condições proximas da realidade, desenvolve, pela repetição, os reflexos do combate e crea a iniciativa.

21.º — Só o instructor exigente consigo mesmo, poderá exigir dos seus instruendos um esforço maximo para obter resultado.

A aviação e a artilharia antiaerea

1º Ten. *Edgard Alvares Lopes*

Adjunto da D. A.

Organização essencialmente scientifica, a Aviação necessita de um pessoal convenientemente habilitado para servir-a e isso não se obtém facilmente.

Os bons pilotos, observadores e navegadores aereos e um pessoal tecnico competente, sómente com muita pratica ficam em condições de permittir o seu funcionamento continuo e efficaz.

A Aviação só será uma Arma, digna desse nome, se possuir um pessoal preparado com todo o cuidado.

A pratica tem demonstrado e as estatisticas comprovam que pelo menos 50 % dos accidentes aereos são devidos ao pessoal navegante.

Entre os que labutam na nossa 5.ª Arma recém creada, se nota o mais acendrado amor ao trabalho e vontade firme no sentido de que o Brasil venha a ficar no mesmo pé de igualdade dos paizes que têm cuidado com o devido interesse de tão importante questão.

Na America do Sul, a Argentina, o Chile e o Perú, muito principalmente este ultimo, todos estão tratando de resolver o seu problema aereo, da melhor forma possivel e de accordo com as suas possibilidades financeiras e condições geographicas. As escolas de Ancon e Las Palmas da grande republica peruana, honram sobremodo esse paiz amigo.

A technica na construção das aeronaves, tem progredido de uma maneira notavel e a nenhum paiz póde passar despercebido esse facto. Esses passaros mecanicos que apenas deveriam servir para a approximação entre os povos, vão sendo cada vez mais, dotados de aperfeiçoamentos para fins militares.

Diariamente vemos surgir novos tipos de apparatus que constituem incontestavelmente, verdadeiras victorias na lucta pela conquista do ar.

Vão sendo elles providos de olhos que permittem uma observação segura nas diversas alturas de vôo, mesmo á 4 e 5 mil metros de altura. Com apparatus photographicos aperfeçoatissimos, são capazes de tudo descobrir num moderno campo de batalha, fornecendo dados aos Estados Maiores, para o conhecimento das intenções das forças adversas e á Artilharia para o cumprimento da sua missão. isto é, a destruição.

Além disso, as faculdades volatrizes dos aviões têm augmentado muito, póde hoje um apparatus permanecer varias horas no ar, cobrindo grandes distancias em tempos relativamente pequenos.

Armados com metralhadoras permittindo centenas de tiro por minuto e de bombas com muitos kilos de alto explosivo, capazes de produzir effeitos formidaveis de destruição, não se póde prever até onde chegará o poder offensivo dessa arma, cuja missão, como vemos é destruir e informar.

Apezar dos progressos por que vem passando a construção das aeronaves, não póde a defeza do ar ficar exclusivamente entregue aos aviões. Cabe á Artilharia Antiaerea auxiliar-a nesse mistér e o póde fazer de uma maneira continua e proveitosa.

Possuindo fogos de grande mobilidade dentro da meia esphera, cujo raio corresponde ao alcance maximo dos seus canhões, consegue formar um "plafond", abaixo do qual os aviões inimigos correm grande risco de serem abatidos.

Imaginemos essa meia esphera com um raio de 4 ou 5.000 metros com a possibilidade de ser batida pelos canhões de 105 e 75 mm, pelos canhões automaticos de pequeno calibre, permittindo modernamente cerca de 120 tiros por minuto; ajuntemos a tudo isso o formidavel fogo das metralhadoras pesadas de 12 e 13 m/m e mesmo o das de 7 m/m, para os apparatus que se aventurassem a vôar baixo e teremos uma idéa do que pódem fazer os órgãos de fogo localizados em terra.

O General francez Vouillement em recente artigo, dá uma idéa nitida do que se acaba de expôr.

Em vista dos progressos sempre crescentes da Aviação, vão surgindo, naturalmente, os meios de defeza contra essa nova arma de guerra, quer no dominio do ar, quer nas organizações de terra.

Si os batalhões dispuzerem de metralhadoras de 12 ou 13 m/m. com balas de cerca de 25 grammas de peso, tanto para os tiros de terra como para os do ar, de balas traçadoras e de apparatus de pontaria aperfeçoatados, poderão agir contra os aviões que vôarem baixo para tomar parte na batalha de terra. Ficarão em condições, assim, de manter a aviação inimiga fóra de um "plafond" bastante consideravel.

A Artilharia de campanha deve por seu lado permittir deslocamentos verticaes dos seus canhões até 70 graus, afim de poder seguir os aviões em todos os azimuths. Quanto maior fór o volume de acção dos materiaes de campanha, tanto mais poderão servir para o tiro contra aviões.

Quanto á Artilharia Anti-aerea, vimos em artigo anterior quaes os progressos que tem experimentado e o que della se deve esperar. Todos acompanham com interesse esses progressos que marcham pari-passu aos da aviação.

Como vemos, não é facil a um paiz possuir rapidamente uma aviação bem organizada — o problema é complexo e de solução dispendiosa.

O governo que ora dirige os destinos da Nação tem demonstrado a maior boa vontade em dotar o paiz de uma aviação digna do seu progresso. Convem é que todos trabalhem com afinco para que a terra de Santos Dumont venha a occupar na America o logar que já devia ter occupado.

SUBSIDIOS PARA OS QUADROS DE RESERVA DE ARTILHARIA

Execução do tiro na Bta de 75. (Notas dos cursos da M. M. F., do R. T. A. e de publicações francezas)

Pelos Capitães EMILIO RIBAS JUNIOR e IGNACIO JOSÉ VERISSIMO

PRIMEIRA PARTE

(Continuação).

COLLOCAÇÃO DA BIA. EM VIGILANCIA

A) Collocação da peça directriz em vigilância (tarefa do Capitão).

a) Processos rapidos

A' vista (1)

Por balisamento (1)

Por pontaria ao G.B.

Por pontaria a prancheta

Por ponto de pontaria.

Por G.B. declinado

Por prancheta declinada.

b) Processos lentos

Com G.B. e auxilio de D.R.
Com prancheta e auxilio de D.R.

B) Formação do feixe paralelo (tarefa do Comte, da linha de fogo).

Por ponto de pontaria.

Por pontaria reciproca sobre uma peça.

Por pontaria ao G.B. (transformado em ponto de pontaria).

C) Pontaria pela alma da peça:

a) Para melhorar a pontaria da peça directriz;

b) Para melhorar a formação do feixe paralelo.

A) Collocação da peça directriz em vigilância—Processos rapidos.

— Por pontaria ao G.B.:

Nós vimos, quando estudamos a collocação da peça directriz em vigilância pelo processo da collocação á vista, que a condição para elle ser possível era de que da peça ou das suas proximidades immediatas se visse o ponto de vigilância (fig. 1).

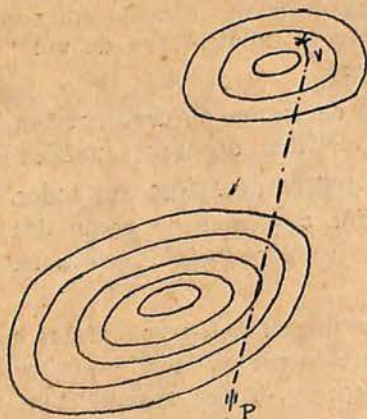


Fig. 1

Da peça se vê o ponto de vigilância. Pode-se apontar "à vista".

Em seguida tratando do processo de balisamento vimos que da peça não se via o ponto de vigilância, mas que (para o processo ser applicavel) era necessario que o operador, se deslocando para a frente, visse o ponto de vigilância e a peça (fig. 2).

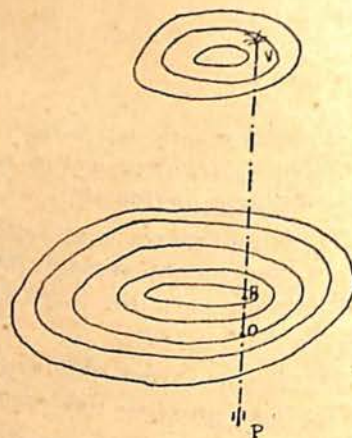


Fig. 2

Da peça não se vê o ponto de vigilância, mas o operador se deslocando para "a frente" poderá ver não só "V" como a peça. Pode-se apontar por "balisamento".

Mas pôde acontecer que tudo isso se passe — isto é — que o operador, se deslocando para a frente, veja o ponto de vigilância e veja a peça e não seja possível applicar o processo de balisamento. Imaginemos na fig. 2, a presença de um matto em A de um terreno impraticavel (terreno alagadiço) de uma casa, etc. (fig. 3).

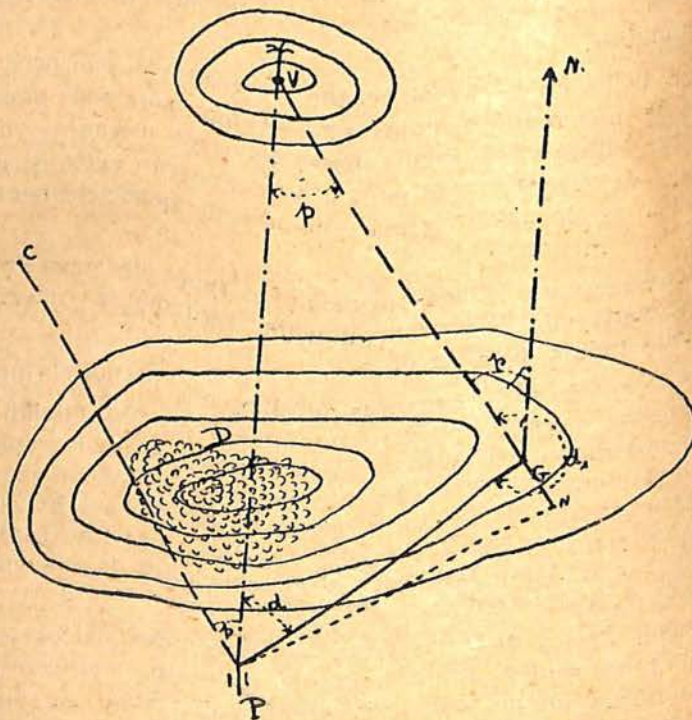


Fig. 3

O matto "D" não permite empregar o balisamento. E' se obrigado a procurar um observatorio lateral sobre o proprio morro "M" e empregar o processo de "pontaria ao G.B."

(1) O gripho indica que já foram estudados — Ver Defesa Nacional de Setembro e Outubro, pag. 79.

ou que a distancia entre a elevação M e a peça P seja tal que se torne preferivel buscar um observatorio mais proximo da peça, embora não collocado no eixo do tiro

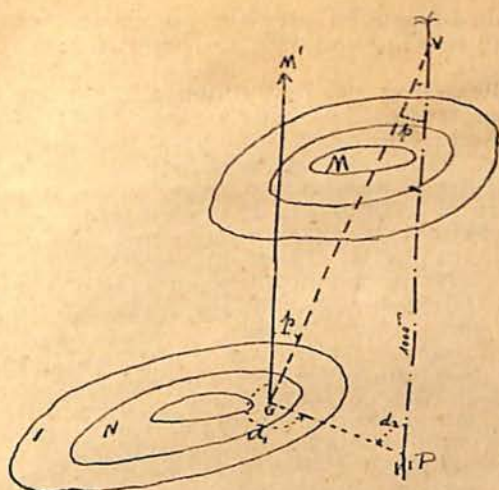


Fig. 4

O morro "M" é limpo. Seria possível aplicar o processo de balisamento, e seremos obrigados a empregar um outro processo — *Processo da Pontaria ao G.B.* (ou a luneta) cuja precisão pôde ser menor mas cujo emprego é imposto pela situação.

Sendo assim não será mais possível empregar o balisamento, e seremos obrigados a empregar um outro processo — *Processo da Pontaria ao G.B.* (ou a luneta) cuja precisão pôde ser menor mas cujo emprego é imposto pela situação.

Tomemos o caso da fig. 3. Estacionando o instrumento em G e medindo o ângulo formado entre as direções *Goniometro* — *Ponto de Vigilância* e *Goniometro* — *Peça*, teremos o ângulo $d1$. Ora é claro que se commandarmos a peça esse ângulo subtraído de 3200 (2), a peça fica apontada para a direcção PC (paralela a direcção GV) e não para o ponto de vigilância V.

Mas o que se deseja é colocar o tubo do canhão apontado para V e não para C. A figura nos mostra que bastará deslocar esse tubo, para a direita do valor de p . Ora p

(2) Não esquecer que as graduações do G.B. crescem no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio. No caso da fig. 3 vemos que se a luneta registrar a deriva $p+d2$ é referir a pontaria sobre o G.B. o canhão fica apontado para C isto é, fica apontado numa direcção paralela a da linha de visada G.V. do G.B. Mas essa deriva $p+d2$ é igual a $d1 - 3200$. Então sempre que se commandar uma deriva subtraída (ou somada se for impossível subtrair) de 3200, o canhão referir sobre o instrumento, o seu tubo fica em direcção parallel aa da linha zero-3200 do instrumento.

(3) Chama-se paralaxe o ângulo sob o qual de um ponto, se vê uma certa frente.

3) O calculo da paralaxe p é feito dividindo-se duas distancias que tem origem commum na peça.
— O numerador é a distancia da peça a linha G.B.—V, isto é, a perpendicular baixada da peça á linha G.V.
— O denominador é a distancia da peça a V.
Para medir essas 2 distancias, e, em consequencia, calcular a paralaxe, opera-se assim:

I) denominador: distancia peça-ponto de vigilância, medida na carta, medida no terreno ou estimada.

II) numerador: distancia perpendicular PN, directamente. Neste caso o operador do G.B. faz um auxiliar caminhar na direcção G.V. até que esse operador tenha o seu hombro esquerdo (direito) na altura da peça (ponto N). Ahi será o pé da perpendicular. Basta o auxiliar medir, a contar dahi, o numero de metros que separa esse ponto da peça — isto é, basta medir a linha N.P.

b) Na impossibilidade de se proceder a essa medida directa, é preciso calcular essa perpendicular PN em função da distancia, que separa o G.B da peça.

A fig. 3, nos mostra que PN (numerador da fracção que dá a paralaxe) pôde ser expresso por 2 formulas:
— no triangulo V-P-N pela expressão $PN (P.V.) \text{ sen } p$.
— no triangulo PNG, pela expressão $PN - P.G. \text{ sen } d1$.

Na primeira formula procura-se p medindo directamente PN (caso a). Quando porém não é possível medir directamente — impõe-se encontrar o valor de PN na segunda formula e em seguida entrar com elle na primeira. (afim de se obter o valor de p).

é o valor da paralaxe (3) do ponto de vigilância em relação a frente G.B. — peça.

Então: (uma vez visado o ponto de vigilância)

- a) medir o ângulo d , formado entre as direcções — goniometro — ponto de vigilância e goniometro-peça.
- b) subtrahir (ou sommar se for impossível subtrahir) a $d1$ o valor 3200.
- c) por fim, sommar ou subtrahir (conforme o caso) ao valor $d1+3200$, o valor da paralaxe p e commandar a peça essa deriva final, fazendo-a referir sobre o G.B.

Mas se procedessemos assim, iríamos dar ao canhão duas operações:

— Primeiro o collocavamos numa direcção parallel a direcção de vigilância (direcção P.C.).

— Em seguida o deslocavamos do valor da paralaxe p para que elle viesse ficar apontado para o ponto de vigilância.

Na pratica faz-se justamente, o contrario. Dá-se ao instrumento (G.B. ou luneta) essas duas tarefas: Assim

— primeiro procura-se determinar no instrumento uma direcção parallel a direcção de vigilância. (direcção G.M.).

— uma vez conseguido isso, isto é, collocado no instrumento a linha zero-3200, parallel a direcção de vigilância, bastará visar a peça P.

— ler o ângulo $(d1-p)$ formado entre a direcção G.M. e a direcção Goniometro-peça.

— subtrahir a esse ângulo 3200. Já vimos (nota 2) que procedendo assim o canhão fica com o tubo parallel a direcção G.M., por sua vez parallel a direcção de vigilância. E assim fica o canhão apontado para V.

Então:

Collocar a linha zero-3200 do G.B. parallel a direcção de vigilância.

Operações:

- 1.ª Estacionar o G.B. em G de forma que se veja a peça e V.
- 2.ª Determinar o valor da paralaxe p
— medindo esse ângulo na carta (quando se conhece a posição respectiva de V. da peça e do G.B.)
— calculando esse ângulo (4).
— estimando esse ângulo.
- 3.ª Determinado o valor da paralaxe p registrar a com o seu signal (5) no instrumento.

4.ª Com o movimento geral, visar o ponto de vigilância. Fixar ahi o instrumento.

E' claro que se procedermos assim a linha zero-3200 fica na direcção G.M. parallel a direcção de vigilância (PV).

Resta agora aplicar a pontaria reciproca, isto é:

- 5.ª Visar o goniometro da peça; ler o ângulo $(d1-p)$ formado pela direcção G.M. (para onde está dirigida a linha zero-3200) e a direcção G.P.
- 6.ª Subtrahir (ou sommar se fôr impossível subtrahir) ao ângulo lido, 3200.
- 7.ª Adicionar a esse valor a deriva normal da peça (6).

A segunda formula nos mostra que deveremos medir a distancia do GB a peça (linha PG.) e, em seguida multiplicar a distancia achada pelo seno do ângulo formado entre a direcção G.V. e G.P. (*)

A medida da distancia G.P. (G.B. á peça) se faz:

— Com o G.B.: utilizando a escala Stadimetrica do aparelho e sua mira.

— Com a luneta: tendo, nas proximidades da peça uma base de grandeza conhecida (comprimento de 10 balisas (por exemplo) e visando essa base. A expressão $1000B$ dá o valor da

distancia Goniometro — peça.

$B = \text{base}$

$n = \text{numeros de millesimos sob os quaes se vê a base}$

Obtida a distancia é preciso multiplicar a pelo seno do ângulo formado pelas direcções — GV. e G.P.

O G.B. não permite esse calculo: a luneta de bateria dá o decuplo do seno.

8.^a) Commandar é peça a deriva final e fazer a peça referir sobre o G.B.

Nestes dois casos que examinamos (fig. 3 e 4 vimos que as operações exigiam:

- uma correcção de parallaxe que poderia ser *positiva ou negativa*.
- a subtração de 3200 ao valor do angulo formado entre a direcção da linha zero-3200 do instrumento e a peça ou, no caso de impossibilidade, a soma desse valor.

Ora é facil concluir que qualquer *engano* no signal da parallaxe; qualquer engano na subtração ou somma de 3200 conduzirá, fatalmente, o operador a erro grave.

E' possivel, entretanto, entregar ao *systema nervoso* do instrumento o cuidado dessas operações e evitar assim, não só os enganos possiveis como tornar o processo mais expedito.

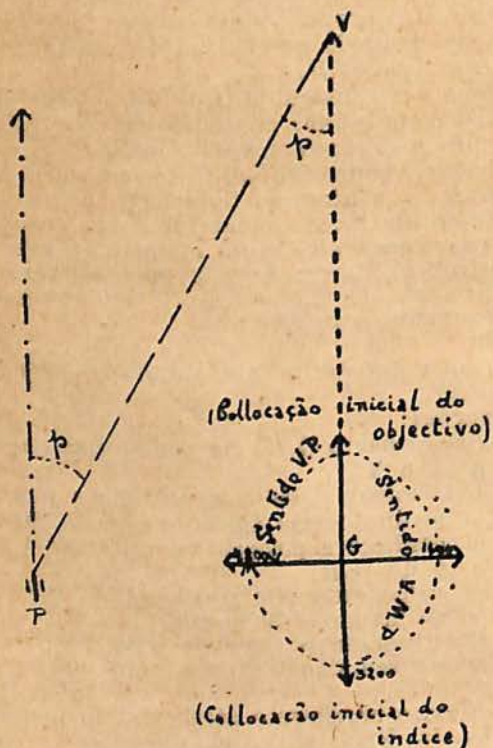


Fig. 5

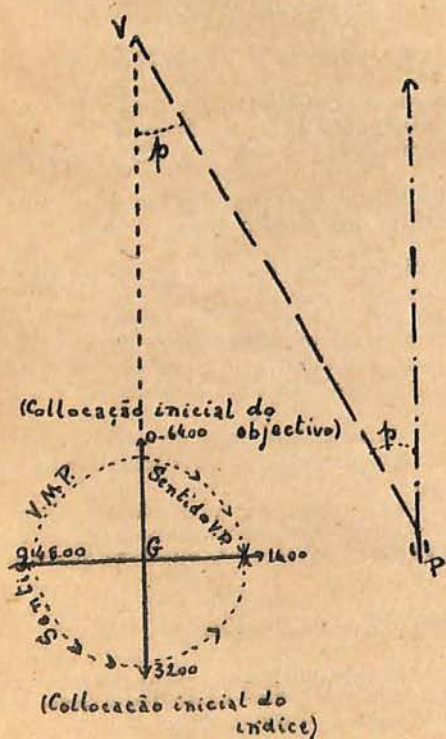


Fig. 6

Essa simplificação, devida ao Cap. Alexandrino Pereira da Motta (7), consiste no seguinte:

- 1.^o) Registrar no instrumento 3200 (a somma ou a subtração de 3200, é um dos elementos da formula $d1=d2+p+3200+n$). Aqui começa-se registrando no aparelho esse valor.
- 2.^a) Com o *movimento* geral visar o ponto de vigilância e fixar ahi o instrumento.
- 3.^a) Feito isso, visar com o *movimento particular* o goniometro da peça deslocando a luneta do G.B. pelo caminho mais curto (8).
- 4.^a) Uma vez visada a peça *não lêr nenhum angulo* mas notar, apenas, a graduação marcada no tambor e continuar a agir no botão serrilhado, de modo a fazer o tambor avançar (no mesmo sentido em que vinha avançando) do valor absoluto da parallaxe *p*. Como não se leva, em conta o signal da parallaxe, mas apenas o seu valor absoluto, impõe-se registrar-o no sentido mesmo do avançamento do tambor da luneta. Dahi a preocupação de medir o angulo *V-peça* pelo caminho *mais curto*, isto é, medil-o num só sentido da graduação.
- 5.^a) Ler em seguida o valor final registrado no instrumento, isto é, o valor 3200 (origem da contagem imposta pelo registro inicial no instrumento) mais ou menos o angulo *d1*, (angulo *V-peça*) mais ou menos a parallaxe *p*.
- 6.^a) Sommar a esse angulo a deriva normal; commandar á peça o valor final obtido e fazel-a referir a pontaria sobre o instrumento.

Além desses 3 casos (fig. 3-4-5 e 6) em que o G.B. fica colocado lateralmente, poderemos ter um outro (fig. 7) em que o G.B. fica a retaguarda da peça.

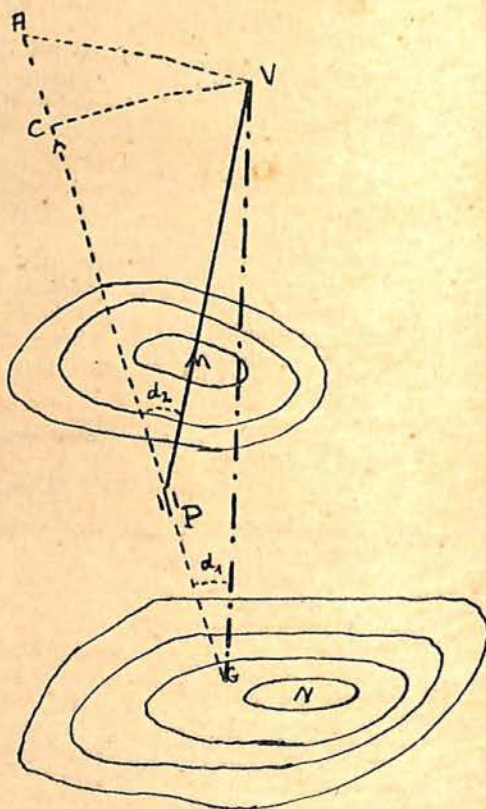


Fig. 7

Não se pode ir (por um motivo qualquer) ao morro "M", logo não se pôde empregar o balisamento, mas o observatorio escolhido em vez de estar collocado lateralmente, como na fig. 4, está á retaguarda. Pode-se então simplificar a operação.

(*) Angulo $d1=3200$.

(5) Quando o G.B. está a direita do plano de tiro da peça, a parallaxe é negativa; quando a esquerda é positiva.

(6) Ver nota 8 pg. 79. — Defesa Nacional Setembro e Outubro de 1927.

Nessa situação é possível evitar o *calculo da parallaxe* e tornar assim a operação não só muito mais rápida como mais precisa.

Então, operações:

- 1.ª) Estacionar o G.B. em G. de maneira que se veja a peça e o ponto de vigilância V; com o movimento geral visar a zero, o goniometro da peça.
- Si se commandasse, nessa occasião a peça a deriva 3200, e ela referisse sobre o G.B., é claro que a apontariamos para o ponto A.
- 2.ª) Basta então (uma vez visado a zero a peça) tomar nota do ponto da paisagem onde incide o prolongamento da visada (ponto A) e fixar ali o instrumento.
- 3.ª) Em seguida lêr, no instrumento, o afastamento millesimal d1 entre esse ponto A e o ponto de vigilância V.
- 4.ª) Si a distancia entre a peça e o G.B. fôr pequena em relação as distancias que separam, respectivamente o G.B. de V e a peça de V, o angulo d1 que mede da posição do G.B. o afastamento A-V, pôde ser assimilado ao angulo d2 que mede, da posição da peça, aquelle afastamento. E' neste caso bastará commandar a peça a deriva d1 mais a deriva normal.
- 5.ª) Si ao contrario, a distancia entre o goniometro e a peça é sensível em relação as distancias e a peça já não será possível admitir que d1 (angulo medido do G.B.) é igual a d2 (angulo que convem a peça). Impõe-se então *reduzir* o valor angular d1 ao valor angular d2.

Essa redução se faz pela applicação da formula

$$d2 = d1 \times \frac{GV}{PV}$$

isto é d2 está para d1 na razão inversa das distancias que separam o ponto de vigilância da peça e do G.B. (9).
Seja por exemplo GV=4000
PV=3500

A relação entre as duas distancias será:

$$\frac{4000}{3500} = \frac{4}{3.5}$$

Admittamos que seja 200 M o angulo d1 lido pelo instrumento.

O angulo a commandar a peça será:

$$200 \times \frac{4}{3.5} = 228 \text{ M.}$$

Como vemos tal situação (G.B. collocado a retaguar-

(7) Ver sobre o assumpto o interessante trabalho do Cap. Bina Machado — Defesa Nacional de Novembro 1927, pag. 64.

(8) A fig. 5 (G.B. a direita do plano de tiro da peça) nos mostra que poderíamos adoptar dois caminhos para medir o angulo V—G—peça

— deslocar a luneta no sentido V.M.P.
— deslocar a no sentido V.P.
Por sua vez a fig. 6 (G.B. a esquerda do plano de tiro da peça) nos mostra que, igualmente, poderíamos adoptar 2 caminhos para medir aquelle angulo.

— sentido V.M.P.
— sentido V.P.

Sob o ponto de vista do valor registrado no aparelho, teríamos, no caso de percurso maior (movimento no sentido V.M.P.) na fig.

5 o indice registrando inicialmente valores crescentes.
A té 6400 (3200—4800—6400) e por fim decrescentes até 1600 (zero—1600) e na fig. 6 o indice registrando valores inicialmente decrescentes até zero (3200—1600—zero) e por fim decrescentes mais decrescentes até zero (6400—4800).

Fica claro quese deslocarmos a luneta pelo caminho mais longo (movimento V.M.P.) não é possível impôr ao instrumento nenhuma ordem no registrar esses valores pois que ora elles crescem ora decrescem, ou continuando no mesmo sentido, mudam, bruscamente, de quadrante (fig. 6).

Ao contrario se deslocarmos a luneta pelo caminho mais curto (movimento V.P.) teríamos o indice registrando valores decrescentes (3200—1600) na fig. 5 e valores crescentes (3200—4800) na fig. 6. O que quer dizer — valores num só sentido da graduação.

da da peça) permite a pontaria ao G.B. de forma mais expedita.

Collocação da peça directriz em vigilância:

POR PONTARIA A PRANCHETA

As operações de collocação da peça directriz em vigilância com a prancheta são analogas as feitas com o G.B., a diferença reside em se *traçar direcções* (sobre a prancheta) em vez de se *registrar direcções* (sobre o G.B.)

Essa só diferença limita, aliás, as operações a uma unica e, assim, não ser possível nenhuma simplificação no processo como no caso de pontaria ao G.B. (simplificação Cap. Motta).

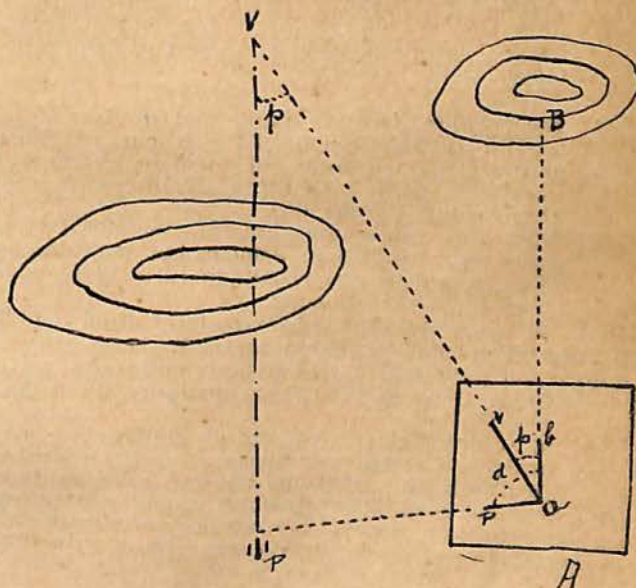


Fig. 8

Vimos que operando com o G.B. obrigavamos-nos a conhecer uma *directção paralela* á *directção de vigilância* e, em seguida, mediamos a partir dessa *directção* o angulo formado entre ella e a peça. E por fim — de posse desse angulo — bastava *subtrahir* ou *sommar* 3200 para se ter o angulo com que a peça (referindo sobre o G.B.) ficava apontada para o ponto de vigilância.

Com a prancheta a sequencia das operações é a seguinte:

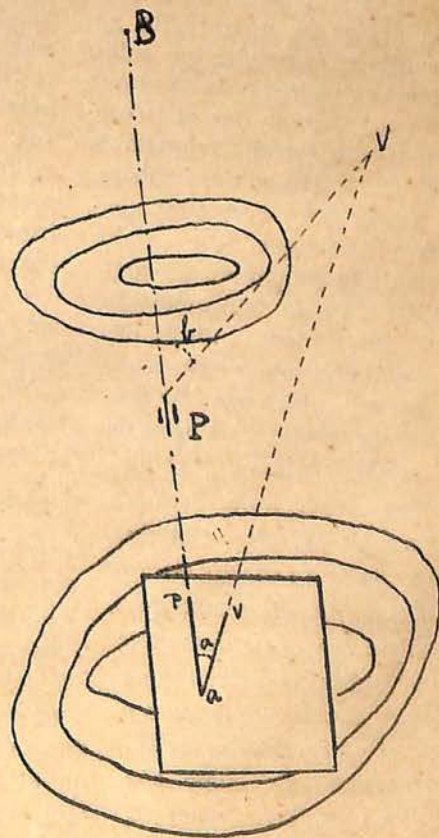


Fig. 9

Estacionar a prancheta em um ponto qualquer A (fig. 8) de onde se veja, ao mesmo tempo, o ponto de vigilância V e a peça P. Fixar ali a prancheta.

2.^a) De um ponto qualquer a da prancheta e com o auxilio da alidade visar o ponto de vigilância V. Traçar a linha av correspondente a visada.

3.^a) Uma vez de posse dessa linha av determinar o valor da parallaxe p.

— medindo esse angulo na carta (quando se conhece a posição respectiva de V, da peça e da prancheta).

— calculando esse angulo (ver nota 3).

— estimando esse angulo.

4.^a) Obtida a parallaxe e com o auxilio do transferidor traçar a recta ab que faz com a recta av (obtida na operação 2) o angulo p da parallaxe (10).

5.^a) Em seguida, fazendo ponto em a visar com o auxilio da alidade a peça P e traçar a linha aP.

6.^a) A linha aP e a linha ab formam entre si um angulo d. Medir com o transferidor esse angulo (zero sobre a linha ab).

7.^a) Subtrahir (ou sommar se fôr isso possivel subtrahir) ao angulo d, 3200 e, em seguida, commandar a peça esse resultado (d + 3200) accrescido da deriva normal.

8.^a) A peça, de posse do resultado final (d+3200 mais a deriva normal) regista a deriva e visa a prancheta ferindo a sua pontaria sobre um lapis collocado verticalmente pelo capitão em um ponto qualquer da linha aP (11).

Quando é possivel ver o ponto de vigilância e a peça de uma posição a retaguarda desta (fig. 9) o problema se simplifica, pois não precisamos (como no caso de estar a prancheta collocada lateralmente) calcular a parallaxe e, em consequencia, as rectas traçadas sobre a prancheta são o resultado de visadas feitas sobre pontos do terreno (12).

Então: operações

1.^a) Estacionar a prancheta em um ponto A (fig. 9)

colocado a rectaguarda da peça e de onde se veja, ao mesmo tempo, o ponto de vigilância V e a peça P. Fixar ali a prancheta.

2.^a) De um ponto qualquer a da prancheta e com auxilio da alidade visar a peça P. Traçar a linha aP.

3.^a) Visar, em seguida, o ponto de vigilância V e, fazendo centro em a, traçar a recta av. Obtem-se assim o angulo a formado entre as rectas aP e av.

4.^a) Medir, com o transferidor, o angulo a (origem da contagem sobre a recta aP).

Si a distancia que separa a prancheta A do ponto de vigilância V e a que separa a peça P desse mesmo ponto forem taes, que a distancia P a A se torne desprezivel, o angulo a (que da posição da prancheta mede o afastamento BV) pôde ser assimilado ao angulo b (que da posição da peça mede aquelle afastamento BV).

5.^a) Desde que tal assimilação não seja possivel impõe-se applicar ao angulo a (medido sobre a prancheta) a formula de redução (ver fig. 7).

(9) A formula de redução se deduz da seguinte maneira:

Na fig. 7, tracemos de V a perpendicular VC á linha G.P.A.

Nos 2 triangulos PCV e GCV o catheto VC é igual:

$$VC = GV \text{ sen } d1$$

$$VC = P.V. \text{ sen } d2$$

ou

$$PV \text{ sen } d2 = GV \text{ sen } d1$$

Substituindo o seno pelo angulo temos:

$$PVd2 = GVd1 \quad \text{ou:} \quad \frac{PV}{GV} = \frac{d1}{d2}$$

(10) Essa recta traçada a direita (esquerda) da linha av se a prancheta está a direita (esquerda) da linha peça ponto de vigilância.

(11) A collocação do lapis verticalmente sobre a linha aP se impõe pela necessidade de fixar um ponto unico de referencia sobre a prancheta.

(12) E' o que se passa quando se opera com o G.B. (ver fig. 7).

ESCOLA DE TIRO DE ARTILHARIA

(Resposta de um infante convencido)

SIMPLESMENTE monumental, no meu apagado entendimento, a ideia occorrida no espirito pujante do artilheiro incognito que sob o titulo acima, em letras minusculas e minuscuro artigo, como que medrosamente, deu, porém, formidavel grito de alerta e ao mesmo tempo de desabafo. De alerta porque clara e succintamente encarou a união que deve existir entre o fogo da infantaria e o da artilharia ambas mais do que nunca ligadas pelas necessidades duras dos combates, mas união até agora praticamente irrealizada entre nós. De desabafo porque, afastando certas peias de um respeito publico muito em voga ainda, arrostando sobranceiramente a ira que porventura despertasse, concitou seus irmãos de classe a reflectir durante o exiguo mas sufficiente tempo de 5 minutos, inquirindo-se energicamente em consciencia, sobre as condições de preparo proprio para bem executar o acompanhamento da infantaria em acção. Desassombradamente como sóe acontecer com os caracteres francos e honestos aconselhou textualmente o

articulista: "Sublinhe a lapis azul no regulamento o que ainda não sabe fazer e verá que as paginas se irão enchendo e azulejando."

Não venho aqui para fazer appello semelhante aos meus camaradas infantas; sua consciencia que lhes advirta e dirija. Desejo apenas collaborar com o camarada artilheiro articulista, mostrando um ponto por elle esquecido ou desconhecido, terrivelmente assustador e que receberia remate irrefragavel com a criação da citada escola de fogo Infantaria-Artilharia.

Não me levem, porém, a mal os camaradas artilheiros, a franqueza que se vae seguir. Primeiro a reconhecer e a proclamar o alto valor tecnico dos officiaes de artilharia brasileiros, pois os conheço applicados e estudiosos, patriotas e amigos dos seus patricios, não consegui ainda — perdoem a desconfiança ao infante — capacitar-me de que, dado o caso, a postos infantas e artilheiros, se realize a decantada precedencia do fogo da artilharia ligado á acção da infantaria, senão em casos theoricos, tratados os assumptos muito por alto;

não pensem que almeje ver os tiros cair a uma centena de metros na minha frente para que me convença da realidade; bastava-me presenciar no terreno os entendimentos que devem ser feitos entre o chefe que vae apoiar e o apoiado, sentir que lá da frente onde age a infantaria chegam os pedidos e receber a resposta.

Urge que vejamos, que sintamos trabalhando quotidianamente em intima ligação, o apoio da artilharia concretizado no terreno, ao em vez de saber theoricamente de sua existencia. Por ora o que cremos firmemente é que esse auxilio prestimoso, sem o qual sabemos que nunca venceremos, não nos chegará opportunamente quando pedido ou desejado. Isto na melhor das hypotheses, pois duvidamos de vê-lo convertido — alguns millesimos mais, ou menos — em nosso martyrio.

Esta ligação imperiosa, esta confiança cega só podem ser conseguidas pelo contacto diario em trabalhos communs, pela camaradagem do fogo a realizar, afinal, numa escola como a proposta.

A proposito da situação militar

Pelo Cap. J. B. MAGALHÃES

A RESOLUÇÃO pratica do problema militar brasileiro não apresenta ainda, apesar dos multiplos esforços despendidos em numerosissimas tentativas, um desenvolvimento satisfatorio e concorde com as necessidades da segurança nacional, ficando sempre insatisfeito tanto o que se refere ao pessoal como ao material.

Theoricamente, ou melhor, no terreno da abstracção, tem sido encarado em toda plenitude, mas aquelles mesmos que o têm posto em equação e até indicado os processos para determinação de suas raizes, não têm, em muitos casos, mesmo em todos os casos sabido ou podido executar os taes raizes, cessarios á determinação de insuficiencia praticando prova, portanto, de insuficiencia pratica. Estas raizes têm sido achadas sem duvida, não porém, convenientemente isoladas, vindo sempre envoltas de elementos que não deixam apreciar seu justo valor.

Certamente a razão destas difficuldades existe na interdependencia dos phenomenos que se podem classificar de relativos ao pessoal, e ao material, no ambito do Exército, propriamente dito; e depois devendo ser considerados em relação a dependencia necessaria entre o Exército e a Nação.

Ora, as questões relativas a estes phenomenos, têm sido tentadas resolver ou indevidamente umas das outras ou tomadas de uma só vez, donde o terem certamente fracassado as tentativas.

Em nenhuma das tentativas se considerou que, sendo os elementos dependentes uns dos outros e que não tendo estes sido postos suficientemente em evidencia, era impossivel obter um resultado real e total, como convem, antes de um trabalho previo preparatorio que realisasse esta condição.

Em essencia este trabalho consistiria em discernir nitidamente a seriação natural das questões para poder se actuar sobre ellas conforme a ordem de importancia que apresentam.

E', entre nós, de tal modo sensível a falta de vistas praticas e nitidas sobre o problema que, muitas vezes, mesmo dirigindo-se a actividade inicialmente sobre o ponto justo e certo, logo depois se perde, invertendo-se até a ordem natural das cousas. Como não se contentariam de balde as leis naturaes, têm sempre sobrevindo fracassos verdadeiros á maioria, sobrevindo fracassos de nossas tentativas. E' á quasi totalidade de nosso feito até agora para um exemplo o que se tem feito para a regenerar, ou melhor, revigorar o valor dos quadros, actuando-se sobre as camadas inferiores e deixando intactas as camadas superiores, á espera de uma transformação lenta. Além de ser isto o desprezo da ordem militar natural, é difficultar o problema e desperdiçar esforços, a menos que a hierarchia não fosse uma necessidade e sim mera artificialidade.

Não ha duvida que se poderia argumentar haver-se seguido assim o curso natural do crescimento e da renovação dos organismos vivos, (de baixo para cima e de dentro para fóra), mas isto será uma verdade apenas aparente, porque a acção de desenvolvimento não é desse modo dirigida pelos órgãos centrais e principaes donde parte de facto a impulsão da vida.

Por outro lado, a força regeneradora tem sido ás vezes exterior, e, actuando sobre partes secundarias e mal collocadas do systema, tem provocado desequilibrios graves, abrindo crises difficeis de debellar.

A observancia das leis naturaes que regem os phenomenos é, em toda parte, condição imprescindivel ao successo desde que se deseje obter um progresso normal, isto é, no menor tempo, com o minimo de esforços e com economia de trabalho. Estas leis cumprem-se a fortiore, mesmo contra a vontade dos homens. Estes podem perturbar sua marcha, jámais dete-la no curso da fatalidade que ellas representam.

★ ★ ★

E' claro que o aspecto predominante na preparação da guerra é o relativo ao pessoal por que é o pessoal quem prepara e faz a guerra; — da capacidade dos homens dependem as realisações materiaes tanto nos trabalhos preparatorios, como na propria execução da guerra. O homem não prescinde de meios materiaes para desenvolver ao maximo suas forças, mas o material é por si mesmo inerte.

Nessas condições, pode-se concluir que a primeira cousa a cuidar na organização da guerra é do pessoal, procurando-se collocar em condições de produzir o maximo trabalho de que seja capaz. Obtida esta condição, dotar-lo dos meios materiaes para que se torne uma realidade a força que é susceptivel de produzir, tal a providencia que se deve seguir.

O proprio preparo do pessoal, a proporção que carece ser desenvolvida, ou melhor, a proporção que pode ser desenvolvido, vaes exigindo a realisação de certas dotações materiaes: Não é necessario porém — se desde logo todas as ferramentas na mão de um aprendiz carpinteiro; elle não saberia utilisalas e com isso prejudicaria sua cultura, adquirindo vicios de execução. Ao contrario, estas devem-lhe ser dadas gradativa e methodicamente de modo que tenha tempo de aprender a maneja-las e de aperfeiçoar-se, desenvolvendo-se cada vez mais.

Não devem, porém, faltar porque assim ficaria retardado ou incapaz de progresso.

A importancia preponderante do problema do pessoal tem sido antevista por nós mas, visivelmente, de um modo incompleto. Parece mesmo que nos vem sendo imposta pela fatalidade da evolução natural contra a vontade dos homens, que nada fazem para facilitar logicamente a solução e antes deixam as boas medidas tomadas sempre incompletas e por isso com productividade reduzida.

Pode-se dizer que o primeiro passo effcaz para a preparação da guerra no Brasil foi dado pela acção do Marechal Mallet sobre os quadros, isto é, sobre o pessoal; e que o ultimo é representado pelo contracto da M. F.

As medidas desta ordem têm predominado e fructificado mas com uma redução muito maior que 50 % por que não têm sido removidas as resistencias creadas pela falta

de comprehensão de sua importancia. E' desse modo que vêm ellas, desacompanhadas de seus complementos necessarios, effectuando um progresso verdadeiro mas continuamente retardado.

Facil será imaginar a mèsse enorme de resultados que haveriamos colhido desde a acção inicial, si parallelamente surgissem sempre as actuações attentas, para tirar das providencias adoptadas, o maximo rendimento. A ausencia de taes complementos só pode ser dignamente explicada pela falta de confiança da opinião nas medidas adoptadas, ou melhor, pela incomprehensão de seus valores.

Emquanto as acções tendentes a collocar os quadros em condições de progresso verdadeiro não produzirem um minimo de effectos uteis, nenhum emprehendimento por mais brilhante apparencia que possua, representará obra definitiva e progresso estavel e real.

De facto, sendo o problema do pessoal predominante, os quadros são a sua cellula central, o elemento donde partem os impulsos. Elles é que formam a mentalidade, interpretam e indicam, as medidas necessarias, Devem satisfazer, por isso, a condições minimas: capacidade profissional uniforme e justa; cultura geral bastante para comprehendem o problema geral e avaliarem as necessidades e possibilidades nacionaes; dirigirem-se conforme uma mentalidade apropiada e uniforme em suas linhas principaes.

Estas condições não podem ser obtidas certamente com o mesmo desenvolvimento em toda escala da hierarchia em que os quadros se constituem, nem na massa geral delles. Nem isso é indispensavel. Mas os elementos directores dos quadros devem satisfazer-las ao maximo sem o que nenhum trabalho normal é possivel. Estes elementos directores são os órgãos do commando e seus estados maiores.

E' portanto, questão fundamental de toda organização militar efficiente, tratar de obter commandos e estados maiores aptos, como base de uma acção constructora.

★ ★ ★

E' uma verdade corrente que as questões mais geraes e mais simples são sempre as mais difficeis. E' uma observação universal: — a theoria dos numeros e a escala musical necessitaram mais seculos para sua construção definitiva que o calculo transcendente e a theoria da harmonia.

Não é, pois, estranhavel que no Brasil se haja pretendido resolver o problema militar relegando para segundo plano as questões relativas aos quadros, o que prova o facto de serem as regras e processos de promoção, ainda em uso, os mesmos de 1891, com as pequenas alterações introduzidas a respeito dos officiaes sem curso. Após isso novas necessidades de cursos foram verificadas, mas nenhuma influencia pratica ou theorica vieram exercer sobre as promoções. Só se têm feito o que tem sido impossivel deixar de fazer.

A respeito de tal questão, a mentalidade geral acha-se mesmo um pouco retardada, necessitando por isso as reformas a serem introduzidas qualidades de intelligencia e de caracter assás notaveis, por parte daquelles que as podem e devem fazer.

E' o que nos revelam as attitudes e commentarios correntes a proposito do projecto Paes de Oliveira sobre promoções, onde os pontos de vista meramente pessoais dominaram por completo.

Em grande numero de opiniões manifestadas, a analyse do projecto em questão não passou das vantagens ou prejuizos de ordem pessoal que adviriam uma vez feita lei a reforma do deputado mattogrossense, com esquecimento da enormissima importancia geral das medidas propostas.

Medidas como as projectadas agora, com as correções necessarias, já deveriam estar em curso ha mais de sete annos. E si isso se houvesse dado, nossa situação militar seria bem outra evidentemente.

Basta considerar, para aquilatar o asserto do que avançamos que as inovações propostas acham-se adoptadas ou por lei ou por praxe, *mutatis mutandis*, na Argentina, no Chile, na Alemanha e na França, fundamentando a grandesa militar destas grandes nações.

Pode-se mesmo dizer que a proposição Paes de Oliveira contem exatadamente com as correções que adiante indicamos, o que é necessario ser adoptado na situação actual do problema da organização logica dos quadros e que se não são as unicas providencias possiveis, são no emtanto as mais convenientes e talvez mesmo as unicas convenientes. Um trabalho definitivo sobre promoções, na situação actual dos quadros, não será bem recebido e melhor executado. Uma transição é necessaria para podermos attingir a um regimen normal.

As correções a que nos referimos são em essencia: — estabelecer um praso para que os officiaes que não têm ainda o curso da E.A.O. ou E.P.C., se habilitem; — esclarecer que as vantagens concedidas aos primeiros tenentes com o curso de E.M. cessam com a promoção ao posto de capitão;

— tornar extensiva aos officiaes dos serviços, no que for applicavel, vantagens analogas a dos combatentes com o curso de E. M.

— determinar que em caso algum, o official fóra do exercicio de funções militares possa ser promovido;

— determinar a condicção indispensavel para a promoção de um tempo minimo de exercicio de commando em cada posto a partir de capitão, levadas em contas a organização das armas, para os officiaes combatentes.

Não consideramos aqui a questão relativa aos officiaes technicos entre os quaes ha alguns de notavel merecimento em nosso meio. Para estes, só ha uma solução, a criação dos quadros technicos. Consideramos sempre que a promoção não é premio nem direito, e sim o preenchimento de uma necessidade militar, portanto devendo escolher os que mais convém no exercicio da função.

★ ★ ★

Não se pense que julgamos encontrar em medidas da ordem das propostas a solução

definitiva e completa da questão. Vemos apenas ali um fundamento a estabelecer para que com efficacia se possam adoptar outras indispensaveis á boa formação dos quadros. Vemos, como complemento, a necessidade de adoptarem-se disposições que impeçam o illogismo de terem destino differente daquelle para que foram preparados, com sacrificios pecuniarios para a Nação, officiaes apenas terminado este preparo, quando ha falta e necessidade delles; e de se tomarem as providencias materiaes que permittam aos *commandos* e E.M. (incluindo as chefias de serviços) instruirem-se convenientemente.

O *gráo minimo de instrucção* admissivel para os *Commandos* e E.M. requer um aparelhamento material relativamente insignificante, sendo o mais caro e tambem o mais util e indispensavel, a perfeita organização das transmissões.

Isto obtido passa-se naturalmente a pensar na existencia de uma tropa convenientemente organizada sem a qual a instrucção dos *commandos* e dos E.M., ficará sempre defficiente. Para a organização dessa tropa ha necessidade de nunca descer aquem de um certo minimo, sejam quaes forem as difficuldades, porque si isto não for realiado a segurança nacional corre riscos muito serios que cada vez exigem maior tempo para serem corrigidos.

Bem sabemos que quem faz a guerra é a tropa, mas para haver tropa efficaz é preciso haver antes *commandos* e estados maiores capazes de fazerem-na primeiro e de applicarem-na depois.

★ ★ ★

Na historia do mundo são numerosos os exemplos comprobantes do valor e da importancia destas questões. Entre elles colleremos um, o da campanha de 1912-1913 entre os Turcos e os Estados Balcnicos. Ha ali sobretudo a nos ferirem a attenção o exemplo e as experiencias turcas. Não somos como a Turquia de então uma velha nação em crise, para decomposição; mas, no polo oposto, somos um paiz em crise de crescimento. Aqui como lá o Exercito soffre consequências de uma situação social e politica prolongada que tem passado por phases mais ou menos agudas; são defficeis as communicações e tambem o povo é inculto. Na Turquia, quando arrebentou a guerra não havia missão militar allemã terminada sua obra de transformação dos velhos guerreiros turcos em guerreiros novos; e a situação do Exercito achava-se desnivelada e sua evolução retardada pelas resistencias que velhos elementos oppunham ao progresso. Veio a guerra e a Turquia foi batida. As razões fundamentaes dessa derrota ficam muito claras contemplando-se o aspecto do seu quadro de officiaes.

Diz Immanuel, citando von der Goltz:

"Le tableau que nous présente le baron von der Goltz montre clairement la triste situation que a été faite à la mission militaire allemande, le peu de liberté d'action que lui a été laissée et sur quel sol ingrat elle était appelée à travailler. Nous renvoyons, à ce sujet, à l'excellent exposé du feld maréchal que a paru sous le titre:

"L'armée de la Turquie rajeunie."

"Jusqu'en 1908, et par conséquent pendant toute la durée de la mission militaire allemande, l'armée turque a été comme en-

chainée. Le sultan Abd-ul-Hamid parlait volontiers, il est vrai, de ses bonnes intentions à son égard et il n'est pas impossible qu'il en ait réellement eu au commencement de son règne, mais sa funeste méfiance l'empêcha de prendre jamais une décision et de la traduire par des actes.

... "L'armée souffre encore aujourd'hui des suites de cette erreur (nous savons que les craintes du feld maréchal ont été de beaucoup dépassées par les événements); les troupes ne désolaient que de leurs casernes et de terrains d'exercices attendantes et n'étaient aucunement exercées et instruites en vue de la guerre. Elles ne faisaient plus de tirs véritables ni de service en campagne et on avait renoncé à faire exécuter même les manœuvres les plus simples par de grandes unités..."

Estas e outras impressionantes citações que Immanuel faz da obra de von der Goltz e os judiciosos commentarios que lhes acrescenta para apreciar o justo valor militar com que o Exercito Turco encetou a campanha de 1912, merecem ser conhecidas e profundamente meditadas. Infelizmente não cabem no quadro deste artigo mais longas transcrições e apenas queremos citar aquellas que possam conduzir o leitor a pensar nas causas fundamentais da derrota militar turca.

As leis fataes do progresso, impulsionando a evolução turca, por insufficiencia dos elementos dirigentes e influentes na sociedade, conduziram á revolução. Da luta entre o conservantismo e o reformismo originou-se uma situação extremamente delicada para o Exercito Turco, desde logo submettido á uma evolução um tanto anarchica, debatendo-se entre os extremismos de correntes de idéas e tendencias diametralmente oppositas. A guerra colheu-o em meio dessa evolução, em periodo critico e portanto em condições improprias.

A situação é admiravelmente bem definida pelo General Pallat em seu livro *Guerres des Balkans* (1912-1913) — quando elle aprecia o valor militar dos quadros, que synthetizam sem nenhuma duvida — é verdade se diga — o valor dos exercitos.

Em resumo o General Pallat, baseando-se como Immanuel, em documentos allemães, salienta que ao entrar em campanha, o Exercito Turco, se decompunha em duas partes distintas; uma moderna em formação; outra nada mais sendo que uma multidão de homens armados, dos quaes muitos sem nenhuma instrucção militar.

Quanto á officialidade, seu quadro tambem se dividia em duas partes distintas: officiaes com os cursos das escolas e officiaes sem estes cursos. Os primeiros eram arrogantes e possuíam uma educação livresca onde faltava todo espirito pratico e a *prática das acções* da guerra tão proximas da realidade quanto é possivel obter na paz; os segundos eram ignorantes e incultos e não tinham a menor noção da *manobra* e do *fogo*, em uma palavra, da preparação da guerra. Os primeiros não eram inactivos mas consagravam seu tempo a cogitações theoricas e abstractas sobre a guerra e a vagos serviços de estado maior.

★ ★ ★

Em taes condições, pois, é facil comprehender-se a derrota da Turquia e sua expulsão quasi total da Europa.

Mas isto põe em fóco a importancia e o cuidado que devem merecer os quadros.

Tactica de Infantaria

Notas tomadas durante as conferencias realizadas na Escola de Estado Maior pelo professor de Tactica de Infantaria Ten. Cel. HUGUES da M. M. F.

3.ª CONFERENCIA

O MOVIMENTO DA INFANTARIA PARA O CAMPO DE BATALHA — MARCHAS — TRANSPORTES — MARCHA DE APROXIMAÇÃO

SUMMARIO:

- I — Marchas de estrada:
 - a) marcha é a base de toda operação de guerra;
 - b) regulamentação das marchas: a tropa, o T. C. e o T. E.;
- II — Os transportes:
 - a) por estrada de ferro;
 - b) em automoveis.
- III — A marcha de aproximação:

I — MARCHAS DE ESTRADA

No Brasil a marcha a pé será a regra geral e o transporte uma excepção. Por isso os E. M. e a tropa devem estar treinados na execução e preparação de longas marchas de estrada.

Em campanha o combate não é diário, ao passo que a marcha, o deslocamento são de todos os dias mesmo na guerra de estabilização.

A marcha continúa a ser a base de toda a acção de guerra, apesar dos progressos das estradas de ferro, dos automoveis e da aviação e a infantaria deve deslocar-se a pé na maioria dos casos para aproximar-se do adversario, tomar o contacto e engajar-se.

Dentre os exemplos da ultima guerra cita a marcha de seu regimento o 144º R. I., que, após ter-se batido em CHARLEROI a 23 de Agosto, inicia a 24 o movimento de retirada que o leva a 5 de Setembro á MONTCEAUX LES PROVINS (a mais ou menos 2 etapas de marcha de 27 kms., com ainda nesse periodo tomado parte na batalha de GUISE e defendido em DORMANS a passagem do MARNE. São 380 kms. em 14 dias de marcha ou uma etapa media de 27 kms., com uma etapa de 40 kms., a 24 de Agosto e outro de 60 kms. também em 24 horas de 31 de Agosto a 1 de Setembro.

E sem repouso, toma parte na batalha do MARNE e a 12 do mesmo mez está em frente de CRAONNE, depois de ter sido empenhado 2 vezes. De 6 a 13 de Setembro percorre assim 140 kms. em 6 dias ou uma etapa media de 17,5 kms.

São, ao todo 20 dias de marcha ininterrupta, 520 kms. ou a media de 26 kms. por dia, no inicio da campanha, com metade do effectivo composta de reservistas pouco treinados.

Porém, maiores provas deu a Infantaria em 1917, por ocasião do retrahimento allemão para as posições de HINDENBURGO, quando fez 20 dias de marcha de aproximação em terre-

no todo cortado por destruições, tempo muito chuvoso e com homens que tinham perdido o treinamento de marcha.

No fim da guerra, surge a necessidade da marcha á noite, porque o commando deseja realizar a surpresa. Este processo terá no futuro grande valor e por isso a infantaria deve estar treinada na marcha á noite, que implica em grandes fadigas e exige muita disciplina.

Factos novos, verificados durante e depois da guerra, modificaram os processos de execução de marcha da infantaria, sem comtudo destruir as condições dessa marcha.

Alguns desses factos acham-se ligados ás condições da guerra:

- 1 — augmento do alcance da artilharia,
- 2 — progresso da aeronautica,
- 3 — apparecimento de meios rapidos de transporte;

os quaes modificam o valor da expressão longe do inimigo; outros dizem respeito á organização das armas:

- 4 — nova organização das unidades da infantaria,
- 5 — unidades novas,
- 6 — augmento da impedimenta.

Actualmente tropa alguma tem o direito de considerar-se "longe do inimigo", isto é, de considerar-se em segurança perfeita qualquer que seja a distancia a que esteja do inimigo e quer se encontre ou não ao abrigo de frente fortificada. Em marcha longe da frente, nos acantonamentos de repouso e mesmo no interior do paiz, as tropas estão sujeitas, sem que se espere, á acção do inimigo.

A organização da infantaria influíu também sobre a execução da marcha, principalmente, devido ao augmento do T. C. Ora, um R. I. brasileiro tem aproximadamente 4.000 homens, 820 animaes (um para 5 homens) e 200 viaturas (167 exactamente) (uma para 20 homens); admittindo-se que a profundidade de uma columna por 3 é igual a 2/3 do numero de homens e que uma columna de viaturas é igual a 15 vezes o numero de viaturas, a aprofundidade da columna de combate de R.I. (tropa mais T.C.) será igual a 4000 x 2/3 mais 15 x 167 ou 2666 mais 2505 ou 5171 ms., donde se verifica que a columna de viaturas do T. C. de um R. I. occupa na estrada profundidade igual a da columna da tropa.

Trata-se, portanto, de fazer marchar uma columna de tropa e outra de T. C. com profundidade aproximada de 2500 ms. e regular o movimento do T. E. que não se acha englobado na columna de combate.

Para a regulamentação da marcha d tropa deve-se recorrer ao R. S. C.,

tendo-se o cuidado de prestar a maxima attenção á disciplina de marcha, capital para a infantaria brasileira que terá que percorrer más estradas e realizar muitas marchas á noite.

O mesmo regulamento é omisso quanto ao movimento do T. C., problema muito delicado. O longo T. C. da infantaria é scindido em T. C1. e T. C2. para attender a ordem de urgencia na chegada das viaturas sobre o campo de batalha. A repartição das viaturas não é sempre a mesma. Em regra o T. C1. comprehende tudo o que é immediatamente necessario no combate (munição, explosivo, transmissão, ferramentas, material de engenharia) e o T. C2. o que póde momentaneamente ser dispensado (viaturas de viveres e bagagem, etc.). Os carros cozinhas fazem, ora parte do T. C1. ora do T. C2.

Só o T. C1 do R. I. (de todas as sub-unidades) comprehende 65 viaturas ou 1000 ms., de profundidade, o que é ainda muito.

Em certos casos, ha vantagem em deixar para traz todas as viaturas que não serão necessarias durante a marcha ou logo depois da chegada. Em outros casos, porém, viaturas ha que serão puxadas bem para a frente (viaturas de transmissão, viaturas para alliviar a tropa, carros cozinha).

Se os itinerarios não são bons e os agrupamentos de viaturas marcham isolados, ha vantagem em lhes dar um pessoal auxiliar (principalmente sapadores).

Hoje, mais do que outrora, é imprescindivel que o infante seja um bom andeio, porque devido á especialização é ainda mais necessario que a infantaria chegue ao campo de batalha com todo o seu pessoal. Compreende-se perfeitamente o prejuizo que haveria se em uma Cia. 12 homens, justamente os fuzileiros metralhadores ficassem estropeados; seria uma Cia. desorganizada por algum tempo.

Conclusões:—Para a tropa: 1) preferencia para a marcha á noite; 2) abandono das estradas principaes por itinerarios desenhados das vistas terrestres e aereas; 3) renuncia de trazer comsigo todas as viaturas para desembaraçar a estrada e diminuir a profundidade das columnas; 4) necessidade da infantaria poder realizar marchas longas e penosas.

Para os E. M. — 1) ter o maximo cuidado na confecção da ordem de movimento — o A. BC do official de Estado Maior. Ahi não se trata somente de calcular a profundidade das columnas, as velocidades de escoamento, a escolha dos P. I. e determinação da hora de passagem nestes. Devem ser feitas com a constante preocupação nas consequencias que resultarão para os executantes daquillo que se escreve ou se dicta. 2) preparar as marchas. Esta preparação não cabe sómente aos officiaes de E. M.; nella tomam parte principal os quadros de

todos os escalões das unidades. Uma boa preparação ainda é mais indispensável no futuro, em face das marchas à noite, ao abandono das grandes estradas e à falta de treinamento provável.

Uma das principais medidas da preparação consiste na expedição prévia dos destacamentos precursores com a missão de:

- verificar a viabilidade dos itinerários;
- reconhecer os pontos onde é provável que se dê atravesamento, melhorar esses pontos ou informar a respeito o comando;
- balizar os itinerários;
- verificar a existência e o estado das passagens sobre os rios.

Essas missões podem ser executadas pela Vg. mas casos ha em que as columnas não tem Vg. e então se impõe o destacamento precursor.

Além disso é preciso prever os reconhecimentos dos pontos de estacio-

b) O transporte de tropas em automoveis foi empregado durante a guerra 1914-1918 e delle foi a infantaria a arma que mais se aproveitou.

O primeiro emprego do autobus foi feito logo no início da guerra para transportar a infantaria que devia reforçar o corpo de cavallaria SORDET, em operações na BELGICA.

Depois, são os famosos Taxis do MARNE e o auxilio que prestam os automoveis na corrida para o mar.

Com a estabilisação das frentes o emprego do automovel torna-se geral e em 1916 elle é intensivo.

Delles ficou bem gravada a imagem dos "caminhões de VERDUN", enfileirados sobre a "VIA SACRA".

Em 1918, tanto na defensiva como na offensiva, a manobra por meio de caminhões tornou-se um facto. Só em Maio o serviço de automoveis transportou em 7 dias a infantaria de 7 divisões.

No BRASIL, parece difficil o emprego tão generalisado dos auto-caminhões, devido ao numero e estado das estradas. Contudo, como a construção das estradas de rodagem prece-

Assim um caminhão tem uma capacidade regular para os homens e quasi nenhuma para os animaes e viaturas (sómente carro cozinha e carro munição). Dentro de um R. I. o numero de auto-caminhões para o transporte dos homens é sensivelmente igual ao necessario para o dos animaes e viaturas.

Dahi a necessidade de separar em todo transporte por auto, a tropa propriamente dita das equipagens que a acompanham.

Esta situação traz poucos inconvenientes para uma infantaria que se desloca para a retaguarda ou muito longe do inimigo; mas não acontece o mesmo quando ella marcha para a batalha.

Para remediar esses inconvenientes foram creados varios tipos de transporte (4), variaveis de accôrdo com as disponibilidades e o numero de animaes e viaturas a transportar:

- Typo A: transporte de uma divisão completa com a sua A. D.;
Typo B: idem dos elementos a pé de uma divisão e de certas viaturas com cavallos;

ORGANIZAÇÃO COMPARADA DAS INFANTARIAS BRASILEIRA E FRANCEZA

		Homens	Viaturas	ANIMAES			Observações
				Sella	Tiro	Carga	
I) Batalhão.....	Brasil	1080	43	22	119	21	As unidades brasileiras, tendo um effectivo maior de 1/3 ao das unidades francezas, apresentam o mesmo numero de viaturas do que estas e duas vezes o de animaes.
	França	820	46		162 80		
II) Regimento.....	Brasil	3978	192	143	575	103	
	França	2870	200		821 400		

namento pelos estacionadores, afim de assegurar nas melhores condições o repouso e a alimentação da tropa.

II — TRANSPORTES

Tratar-se-á sómente dos transportes por estrada de ferro e estrada "de terra", deixando de lado os transportes por via navegavel e aerea. Entretanto salienta desde já a importancia que para o Brasil têm os transportes maritimos, empregados parallelamente aos de estrada de ferro.

a) O transporte da infantaria por estrada de ferro está regulado pelas Instruções Provisorias para o Serviço de Transportes Militares por Estrada de Ferro. Não ha difficuldade para o pessoal, mas o material e os animaes exigem um pessoal adestrado desde o tempo de paz (turmas de embarque, conductores, ordenanças, etc.). Basta dizer que um R. I. necessita aproximadamente de 6 trens para o seu transporte.

Esse transporte por estrada de ferro só se justifica quando o percurso é, no minimo, de 75 a 100 kms.

de á das estradas de ferro, pôde-se admittir que o transporte em auto permitta prolongar o transporte por estrada de ferro e que em certos casos possa ser empregado em proveito da manobra montada pelo chefe, de modo a realizar a surpresa nos flancos ou na retaguarda.

Para sua utilização convem fixar alguns dados technicos do problema.

O primeiro é que elle só assegura vantagem quando o percurso é superior a 20 kms. Para percursos menores de 20 kms. basta aligeirar os homens, collocando suas mochilas em caminhões automoveis ou outras viaturas de requisição que acompanharão a tropa.

O segundo diz respeito ao numero de caminhões necesarios para o transporte de um dado effectivo.

Um auto-caminhão pôde levar:

- 150 mochilas;
- 16 a 22 homens;
- 1 a 5 Toneladas de material.
- 1 carro cozinha;
- 3 a 5 cavallos.

Typo C: idem da infantaria e certas viaturas com cavallos;

Typo D: idem de infantaria com algumas viaturas, mas sem os cavallos.

O transporte tipo D deve ser considerado como o normal, porque os outros exigem caminhões especialmente preparados para os cavallos, caminhões sem tolda para as cozinhas, etc.

Um R. I. transportado pelo tipo D disporá apóz o desembarque: pessoal combatente com o respectivo armamento (inclusive Mtrs. e Ptr. Acp.), ferramenta de sapa portatil, viveres e munição da carga individual reforçada com um supplemento retirado do T. C. e T. E.; viaturas de transmissão e um primeiro elemento de remuniciamento (um caminhão por Btl.). Nota-se ahi que as Mtrs., ficam sem meios de transporte, a não ser que se lance mão de meios de fortuna como por exemplo as viaturas requisitadas no local de desembarque.

Batalhão de cobertura — Em 1918, por occasião da offensiva allemã de Março, algumas unidades de infantaria (o R. I. Colonial de Marrocos, por

A responsabilidade da guerra mundial

Pelo Ten. Cel. MEIRA
— VASCONCELLOS —

NOTA DA REDACÇÃO — O artigo a seguir representa a maneira como a opinião alemã encara a quem cabe a responsabilidade da guerra que durante o período — 1914-1918 agitou o Mundo.

A este assumpto, ainda muito discutido, traz o presente artigo uma documentação valiosa, por isto que bebida nos Memoriaes do Grande Estado Maior alemão.

Nesta fonte foi directamente colher dados o nosso prezado collaborador Sr. Tenente-Coronel Meira de Vasconcellos, grande conhecedor dos recursos do idioma teuto.

Assim pois tal artigo representa um valioso subsidio ao estudo de tão agitada questão, recommendando-se por isto ao exame dos estudiosos.

EM 1913 os effectivos de guerra previstos para a França e Alemanha eram os seguintes:

França	3.895.000 h.
Allemanha	3.703.000 h.

Para 1915 de accordo com os augmentos votados deviam ser:

França	4.364.000 h.
Allemanha	3.879.000 h.

Effectivos de guerra para a Russia e Austria-Hungria em 1914:

Russia — cerca de	5.000.000 h.
Austria-Hungria — cerca de	2.300.000 h.

Esses effectivos estavam mais ou menos nos calculos do E. M. Alemão e os numeros diziam tudo.

.....
exemplo) tiveram que desembarcar dos automoveis debaixo do fogo inimigo. Para attender a segurança nesses casos o commando em chefe prescreveu que toda divisão transportada creveu que toda divisão transportada em automovel devia ser precedida por um Btl. Vg., com a sua Cia. Mtr. e respectivas viaturas porta-mtr. e um caminhão de munições. Transportado em primeiro lugar e com avanço sufficiente e desembarcado antes dos outros elementos, este Btl. tomaria, logo após o seu desembarque, as disposições de cobertura ordenadas pelo Cmt. da D. I.

III — MARCHA DE APROXIMAÇÃO

Antes de iniciar o combate a Infantaria executa a marcha de aproximação, marcha durante a qual ainda não faz uso de seu proprio fogo, mas em que deve premunir-se contra o fogo do adversario (fogo de artilharia, de aviação e de mtrs., em acção longínqua).

Cuidará sómente de insistir sobre alguns pontos do R. E. C. I. (2.ª Parte).

A que distancia começa a infantaria a marcha de aproximação?

Não se pôde responder por meio de algarismos taxativos. Em principio isso acontece quando ella entra na zona dos tiros da artilharia de longo alcance. Entretanto, em presença de

O E. M. Alemão tinha consciencia da situação real e, por consequencia, não poderia desejar o desencadeamento de uma guerra.

Si o E. M. fosse arrastado pelo simples desejo de fazer guerra, nenhuma oportunidade melhor do que a do anno de 1905 quando a Russia se debatia no Oriente. O que o E. M. fez e o devia, foi enviar um antiprojecto ao Reichstag por intermedio do M. G., propondo medidas de caracter urgente. Isso elle o fez e pode-se verificar pelo memorial enviado pelo General von Moltke e annaes do Reichstag. Agora nenhuma pressão sobre a Camara Alta estava no pensamento do E. M. nem elle o desejava. O Ministerio da Guerra foi emfim o interprete do pensamento do Exercito. O memorial do E. M. de 1911 foi em resumo publicado no folheto — "Foi o E. M. que incentivou a Guerra? Documentos do E.M." O memorial de 1912 foi publicado pelo General Ludendorff no livro sob o titulo "Falsificação pelos francezes do memorial de 1912". O essencial sobre essas memorias exporemos aqui no que interessar. O memorial de Novembro de 1911 tratava da situação politica da Allemanha em relação á França. Elle se referia á actividade desusada dos nacionalistas francezes e dizia: "Bons augurios, a certeza de serem auxiliados militarmente por nações amigas e alliadas, a convicção de se sentirem fortes, a idéa inextinguível de *révanche*, a esperança de reviver o antigo prestigio e recuperação dos territorios da Alsacia e Lorena, poderiam, em vista da natureza irrequieta do povo, arrastal-o á Guerra quando menos se esperasse.

A confiança na Russia tinha renascido e, sobre tudo a certeza do auxilio da Inglaterra numa guerra contra a Allemanha. De uma maneira continua e methodica a França era trabalhada nos ultimos annos para a guerra. Innumeros folhetos, memorias e artigos

aviação inimigia emprehendedora, a marcha pôde começar muito mais cedo.

Além disso as diversas unidades tomam a formação de aproximação, do R. I. até ao G. C., successivamente.

Que se denomina uma formação de aproximação?

E' uma formação maneavel, que se presta a toda manobra, mas que sobretudo proporciona a invisibilidade e reduz a vulnerabilidade.

O melhor meio de não soffrer perdas é de não se deixar ver, o que indica que a formação está inscripta no terreno.

Quaes são os terrenos de aproximação?

Nas regiões medias, a aproximação se fará, na maioria das vezes, pelos fundos e pelas vertentes, pelas estradas e caminhos ou fóra delles.

A aproximação deve ser coberta quer por Vgs. quer por unidades já empenhadas, conforme se faça a marcha antes ou depois da tomada do contacto ou esteja a unidade em primeiro ou segundo escalão.

Trem de combate — Quando o R. I. toma a formação de aproximação ha um deslocamento parcial da columna de combate, porque um primeiro elemento deve ser deixado para traz — o T. C2.

O Cmt. da D. I. pôde prescrever que o T. C2. seja grupado em tal lo-

publicados em jornaes por homens de valor, principalmente officiaes superiores, procuraram mostrar a superioridade do Exercito francez sobre o allemão. Os successos obtidos pela aviação, revelando-se a França acima de qualquer outra nação, inclusive a Allemanha, deram ao povo a sensação do delirio. Os francezes viam n'essa "4.ª Arma", o elemento preciso da Victoria. Numa guerra entre a França e a Allemanha, eram tidas como aliadas certas daquella a Inglaterra e a Russia, enquanto que a Italia era considerada como de duvidosa em sua conducta. Propendesse esta para a *Entente*, o Exercito Austro-Hungaro não poderia ser inteiramente empregado contra a Russia. Informações precisas diziam que, nesse caso o grosso das tropas da Monarchia dual seriam então jogado contra a Italia, mantendo-se a situação defensiva contra a Russia.

Emfim, com toda certeza, contra a colligação franco-anglo-russa, só havia a oppôr os exercitos dos imperios centraes. Diante da exposição feita, chegava-se a conclusão de que a situação para a Allemanha e Austria-Hungria tornara-se desfavoravel nos ultimos annos.

A Russia após a derrota no Oriente tinha reorganizado inteiramente o seu Exercito; melhorava as condições de mobilização, do material e as estradas de ferro tinham tomado tal incremento que os transportes quer, para Oeste, quer para S.O. poderiam então ser feitos na metade do tempo calculado ha 5 annos atraz...

Não é verdade que se tenha dito que a Russia ainda não estava preparada para uma guerra na Europa.

A Inglaterra tambem fizera o possivel para poder opportunamente reforçar seus effectivos em caso de guerra e melhorara bastante suas condições.

Um Exercito de 150.000 homens podia ser enviado ao Continente.

gar ou não deva ultrapassar tal linha, devendo desembarçar as estradas e dissimular-se das vistas.

Em regra, o T. C1, acompanha os seus Btls. mas o Cel. pôde modificar esse modo de proceder, como por exemplo, dividindo-o em duas partes: só as viaturas estritamente indispensaveis (munição dos F. M.) acompanham os Btls., ficando as outras (munição dos fuzis e das mtrs. reunidas, porque as munições de F. M. são necessarias desde o começo, ao passo que as de fuzil e mtrs. existem já com as unidades em muro sufficiente.

Preparo da marcha de aproximação. — Cabe ao coronel e mesmo ao Cmts. de Btls. o encargo de preparar o movimento, reconhecendo as zonas vistas ou batidas, escolhendo os itinerarios desenhados e assegurando a ligação com as unidades vizinhas. Os Cmts. de Btls. a cavallo ou a pé, ás vezes acompanhados de esclarecedores ou de sapadores, tomam a dianteira de suas unidades, para tal fim.

Protecção da marcha de aproximação contra a aviação — Ao longo da zona em que progride o R. I. deve haver, de distancia em distancia, secções de Mtrs. P. em posição, promptas a agir contra os aviões inimigos que vôam baixo e protegendo assim, não só a tropa, como ainda os agrupamentos de T. C., que constituem bons objectivos da aviação.

A França mantinha um Exército em pé de paz próximo do effectivo do Exército Alemão e em pé de guerra com diferença insignificante, para menos.

A percentagem de homens em serviço na França excedia consideravelmente a que regulava na Alemanha. Enquanto está incorporava apenas 52,7 % na previsão de serem elevadas a 53,2 % a França instrua 78,1 %, prevendo leve-los a 82,9 %. Também a Bélgica tinha em vista elevar a percentagem: Em quasi todos os paizes europeus havia uma grande actividade militar. "Todos se preparavam para a Grande Guerra em perspectiva. Só a Alemanha e a Austria-Hungria não participavam dessa preparação. Enquanto que neste ultimo paiz o Governo insistia de ha muito para elevar o effectivo de paz, na Alemanha a autorização referente ao quinquenato militar era reduzida ás proporções mínimas sob a allegação da má situação financeira.

Verdadeiramente só em 1914 deveria haver um insignificante augmento nos effectivos. Cercada de inimigos deixava a Alemanha annualmente consideravel numero de jovens em idade de prestarem serviço, sem nenhuma instrução, por conseguinte, incapazes para a defeza do Paiz."

Sobre as operações a realizar, em caso de guerra, se considerava perfunctoriamente que a França seria então o inimigo mais perigoso. Contra ella devia agir o grosso enquanto que, contra a Rússia a situação deveria corresponder a uma defensiva, com o mínimo de forças possível.

Pelo memorial em questão não se poderia concluir que a Alemanha planejava uma guerra. Ella esperava ao contrario o ataque de inimigos muito mais fortes e contra elles imaginava como se defender. No memorial se declarava premtoriamente que a Alemanha não visava guerra contra este ou aquelle Paiz.

Seu objectivo era resalvar a responsabilidade do E. M. E.

A consequencia desse memorial foi o augmento de effectivos de paz correspondente a 29.000 homens, a partir de Junho de 1912. Elle não correspondeu absolutamente ás necessidades.

No anno de 1912 a situação era ainda mais tensa.

Outro memorial entregue ao Chefe do Gabinete (Reichskanzler) a 21-12-12 mostrava a perspectiva que se desenhava. Nelle se declarava que numa guerra futura, na Europa, seria provavel que a Rumania tambem se alhasse aos inimigos dos Imperios Centraes. A situação da Austria em vista da attitudé dos paizes Balkanicos estava em jogo.

Em relação á fidelidade da Italia o novo memorial não se mostrava tão duvidoso como o anterior. Agora, com um auxilio decisivo della ao lado da Alemanha não se contava. Sabia-se que os 3 exercitos (5 CE e 2 DC) não seriam enviados para o Rheno Superior. O auxilio então correspondia apenas em obrigar os francezes a distrahir pequenos effectivos para guardar as fronteiras nos Alpes.

A "Triplice Alliança", assim se reduzia a uma Alliança defensiva. Trazia pois o stigma de sua fraqueza...

As apparencias da Triplice-Entente pareciam corresponder a de uma situação defensiva, entretanto isso destoava de seus fins politicos onde se enxergava uma tendencia puramente offensiva.

Assim, a Rússia aspirava antillar a Austria-Hungria, com auxilio da Servia, de modo a abrir um caminho para o Adriatico, a isto se oppondo naturalmente aquelle Imperio. A França se esforçava para reconquistar a Alsacia e Lorena, vingando-se ao mesmo tempo da derrota de 1870, contra o

que a Alemanha deveria se oppôr. Quanto á Inglaterra, era seu desejo, com auxilio de seu alliados, se ver livre do poder marítimo allemão.

A Alemanha não pensando em aniquillar o poder naval inglez entretanto queria defender o que era seu.

De um lado pois características indistinctivas de offensiva e do outro o de uma defensiva.

N'um caso de guerra as responsabilidades principais seriam sobre a Alemanha.

Tomar a offensiva em uma das frentes, isto corresponderia a nos conservarmos na defensiva em outras e apenas com effectivos mínimos. A offensiva indubitavelmente teria como objectivo a França."

Essa solução dava a esperanza de uma decisão rapida enquanto que uma offensiva contra a Rússia não deixava prevér desfecho próximo.

Agora, agir offensivamente contra a França importava em ferir a neutralidade belga e só atravessando a Belgica seria possível a luta campal contra o Exército francez com possibilidade de então bate-lo. Tomando-se resolução de atravessar a Belgica teria a Alemanha que se defrontar com o Exército inglez e tambem com os belgas, caso não fosse possível um entendimento.

Mesmo assim a perspectiva de uma decisão rapida teria maiores probabilidades do que a luta frontal.

O ataque á frente fortificada da fronteira franceza corresponderia a uma guerra de posições, custaria um tempo precioso, tolheria ao Exército o seu *elan* e iniciativa e isto a Alemanha teria que aproveitar até ao maximo, tanto maior fosse o numero de adversarios, com o que aliás contava."

A inferioridade da Alemanha diante da França e Inglaterra seria em caso de guerra de 124 Btls. e, contando com a Belgica 192.

A superioridade russa sobre a Alemanha, Austria-Hungria e Rumania seria de 374 Btls., 319 esquadrones e 82 baterias de campanha.

Devia-se considerar tambem que a Rússia de anno para anno se fortalecia cada vez mais.

Tambem as fronteiras Allemaes necessitavam de reforços.

Era preciso contar com um ataque immediato no oriente e occidente, em seguida á mobilização, o que viria perturbar consideravelmente a da Allem."

"A necessidade de augmentar o numero de incorporados e melhoramento da defeza do territorio allemão tinham sido já examinados.

A situação politica impunha uma solução. Por certo isto corresponderia a sacrificios pessoas e pecuniarios uma vez satisfeitas parcialmente as proposições referidas na 2.ª parte do memorial. Em todo o caso, *esses sacrificios seriam muito inferiores aos que corresponderiam a uma derrota.*"

Nos paizes inimigos esforços consideraveis eram feitos para melhorar o poder de cada um.

Tambem a Alemanha deveria se sacrificar.

Na 2.ª parte, do memorial, eram feitas as proposições. Homens havia o sufficiente para se poder augmentar o numero de incorporados. A França incorporava 82 % dos alistados, a Alemanha de 52 a 54 %. Adoptasse, pois, a Alemanha a mesma percentagem, dando a mais um contingente de 150.000 incorporados e elevasse os effectivos de paz a 300.000 homens.

"O augmento da incorporação de jovens aptos para o serviço correspondia sem duvida a um dever social.

Assim se conseguiria que homens de certa idade, com responsabilidade de familia, ficassem em parte libertos afim de se

dedicarem ao cultivo da terra enquanto muitos jovens levavam vida ociosa por não poderem ser incorporados.

As principais proposições eram as seguintes:

Augmentar os effectivos de todas as armas do Exército activo afim de dar ás formações valor e eficiencia.

Creação no mínimo de mais tres corpos de Exército afim de nivelar os effectivos aos que *tivessem de ser enfrentados na fronteira occidental e melhorar, por conseguinte, a situação defensiva prevista, na fronteira oriental.*

Creação de 3 inspecções e de diversos regimentos de Cavallaria.

Completar os effectivos da Artilharia a pé, da Engenharia e tropas de communicações.

Melhoramentos do Serviço de Comboios, etc.

Ampliação e melhoramento das dotações de carros cozinhas, munições e artilharia anti-aerea. Melhorar a defeza dos fortes da fronteira, construir a fortaleza de Gaudenz e Thorn.

Tambem digno de importancia eram as proposições referentes a uma reforma das formações da Reserva, inclusive a Ldw, onde certas restricções deveriam ser introduzidas. A França tinha augmentado a sua eficiencia militar, sendo que o valor das formações da Reserva tinha sido consideravelmente elevado.

A memoria fora anexa uma estatística referente á dotação do material. Mais tarde, em Fevereiro de 1913 foram enviados mais detalhes ao Reichstag.

Em consequencia do ultimo memorial adveio o augmento de 3 de Julho de 1913 elevando o effectivo do Exército de paz para mais 117.267 h., porém a criação minima de mais 3 corpos de Exército não foi concedida.

As proposições já referidas e as justificativas provieram da penna do então Coronel Ludendorff, Chefe de uma das Seções do Grande E. M.

Com sua tenacidade elle já havia conseguido o que foi dito, infelizmente porém não fora tudo: o pedido referente ao augmento de mais 3 CE não chegara ao Reichstag.

Est e caso por ser de importancia, precisa ser aqui esclarecido. O então Ministro da Guerra, General von Herringen, tratando do assumpto em 1919, dissera não ter concorrido com a criação de mais 3 C. E. porque isto exigiria muito officiaes superiores para o S. de E. M. e criação de novos elementos. As insistencias do E. M. não produziram o effeito desejado. Ainda em 1.º de Março de 1913 o Chefe do E. M. do Exército escrevia ao Chefe do Gabinete (Reichskanzler) insistindo para que ao menos conseguisse a criação de mais um C. E. até 1.º de Outubro pois que o serviço de 3 annos ia ser restabelecido na França. Mais tarde ainda fallara ao Chefe do E. M. dizendo que fora informado que se tratava na Rússia do augmento de mais 3 ou 4 CE e isso coincidia com o augmento do tempo de serviço no Exército francez.

O programma exposto no memorial de 21-12-1912 já não correspondia inteiramente á situação futura entretanto urgia executá-lo. Mais uma vez o Chefe do E. M. se entendera com o Reichskanzler nesse sentido, insistindo não só para que o effectivo de paz fosse augmentado como tambem para que fossem creados os 3 C. E. pedidos no memorial declarado e que isso respondia ao mínimo das exigencias. O Ministro da Guerra recebera copias do memorial de 1.º e 5 de Março. Esses factos foram apontados para assignalar a autoridade de que estava investido o Chefe do E. M., seus limites e o ponto de vista em que elle se collocara, não transi-

Uma exposição resumida dos acontecimentos diários passados entre os adversários da Alemanha e as medidas, por ella tomadas esclarecerão o assumpto: 25/7. Nenhuma informação inquietadora da França e Inglaterra. Na Russia desde algum tempo eram activadas providencias relativas á mobilização, ensaios desta e, na fronteira, eram tomadas medidas de caracter especial.

26/7. A situação parecia inalterada, tanto na França como na Inglaterra. Na Russia todas as tropas em exercicios eram chamadas. Situação inquietadora (effectivamente, nesse dia entraram em execução as medidas relativas ao caso de Guerra).

27-7. França. — Recolhimento de destacamentos ás suas sedes e chamada de licenciados. Severa vigilância na fronteira.

Na Russia: retrahimento de guardas da fronteira. Chamada de officiaes licenciados e tambem de assimilados. (Effectivamente o 2.º dia de preparativos militares para a Guerra).

Allemanha: Augmento de vigilância nos caminhos de ferro e apresentação de empregados da estrada nas zonas da fronteira e em Berlim.

28/7. Situação tensa na França. Innumeras providencias tomadas. Augmenta a chamada de licenciados, antecipaçao de instrução para certas classes. Meios de transporte em situação de serem utilizados. Inglaterra. — Foram tomadas muitas providencias que se relacionavam com a Esquadra.

Belgica — Tres classes de reservistas foram chamadas. (Essa medida foi conhecida a 29).

Russia — Medidas para protecção de estradas de ferro, collocação de minas nos portos, requisições de cavallos, disposições para que o material de transporte estivesse prompto (Effectivamente era o 3.º dia de preparativos militares).

Allemanha — Destacamentos fóra de suas sedes, comprehendidos na mobilização immediata ou approximada, deveriam regressar.

Reforço de vigilância nas estradas de ferro por destacamentos especiaes — de segurança.

29/7. França — Chamada geral de todos os destacamentos fóra de suas sedes e dos licenciados. Protecção das estradas de ferro na fronteira. Preparativos de mobilização dos caminhos de ferro. Nas regiões da fronteira foi chamada a classe de reservistas mais jovens.

Belgica — E' publicada a chamada de 3 classes de reservistas. A mobilização se faz abertamente.

Russia — Tropas activas apparecem em protecção á fronteira. Chamada de reservistas, requisições de cavallos (Effectivamente o 4.º dia de preparativos militares. Mobilização parcial. Chamada de todas as classes de reservistas nas zonas militares de Odessa, Kiew, Moscou e Kasan, assim como tambem para a esquadra).

Allemanha — Chamada dos destacamentos de tropa que se achavam em marchas e exercicios de guarnições e tambem dos licenciados. Protecção ás obras d'arte das estradas de ferro. Armamento dos locais de defesa complementares previstas nos fortes de fronteira.

30/7. França — Guarda das fronteiras. Armamentos de locais de defeza complementares nos fortes. Concentração de reservistas nas zonas da fronteira. "Ordre de depart en converture" (provavelmente assentada).

Inglaterra — Diversas providencias relativas a segurança, sem preparativo de mobilização para o Exercito. A frota ingleza vigia as costas allemãs.

Russia — Reunião de divisões de Cavallaria. Transportes de tropas para regiões da fronteira. Mobilização de grande parte das forças russas (Effectivamente o 5.º dia de preparativos. 1.º dia de mobilização parcial. Mobilização geral decretada).

Allemanha — Medidas de segurança tomadas em relação ás ilhas do Mar do Norte e das estações de T.S.F.

Alguns C.E. enviam elementos de segurança ás fronteiras.

31/7. França — "Ordre de depart en converture". Reforço das tropas da fronteira. São tomadas innumeras providencias sobre preparativos de meios de transportes.

Vesperas da mobilização geral.

Inglaterra — Grande actividade militar em todas as estações navaes inglezas. Terminados os preparativos de mobilização da Esquadra.

Russia — E' tornada publica a mobilização geral das tropas nas zonas da fronteira.

O transporte de tropas para a fronteira continua. (Effectivamente são chamados todas as classes da reserva do 1.º Bando — 1.º dia de mobilização).

Allemanha. — A's 13 horas é publicado "estado de perigo de guerra" — 1.º de Agosto.

França — Mobilização geral decretada á 31/7, depois do meio dia.

Reforço de tropa da fronteira. Chegada de tropas africanas na França.

Inglaterra — O Corpo Expedicionario é concentrado em Essex.

Russia — Concentram-se na fronteira sete divisões de cavallaria e innumeros destacamentos mixtos.

Allemanha — A's 17,30 é ordenada a mobilização. A's 19,10 entrega da declaração de guerra á Russia.

2/8. França — A mobilização geral é assentada ás 13 horas correspondendo esta data ao 1.º dia.

Belgica — Constava que 3 corpos de exercito francezes tinham penetrado na Belgica. (Informação não confirmada).

Russia — 3.º dia de mobilização.

Allemanha — 1.º dia de mobilização.

3/8. França — 2.º dia de mobilização.

Inglaterra — Declaração de Grey dizendo que a mobilização da Esquadra e do Exercito estava imminente.

Belgica — Chegou noticias de que 2-C E francezes vindos do Sul tinham penetrado na Belgica (noticia não confirmada).

Russia — 4.º dia de mobilização.

Allemanha — 2.º dia de mobilização. Declaração de guerra á França.

4/8. A Inglaterra interrompe suas relações com a Allemanha.

Mobilização geral do Exercito e da Esquadra.

O dia 5/8 fóra previsto como o 1.º dia de mobilização.

Do que foi exposto pode-se verificar o adiantamento dos preparativos militares da Russia.

Na Allemanha, desde o encerramento dos trabalhos concernentes á mobilização, em 31/3/914 até a chamada de tropas ás suas

guarnições, 28/7. Nenhuma medida fóra tomada. Tambem a França e a Belgica tinham precedido a Alemanha em seus preparativos.

A Allemanha tinha se atrazado em relação ás 3 ultimas.

A mobilização das Grandes Potencias fóra como que ajustada em seus dias e horas.

O Marechal von Moltke a proposito da guerra de 70 salientara a importancia da precedencia nos transportes e mobilização. Lembrara, por exemplo, nas operações allemãs, os combates em Worth e Spicheren, fazendo a supposição de que, em lugar de se passarem a 6 de Agosto o fossem no dia seguinte.

Nesse caso o Principe herdeiro teria encontrado no Sauer em lugar de um, dois Corpos de Exercito francezes. Do outro lado do Sauer, o Imperador Napoleão teria podido reunir 4 corpos, em Santa Avold. Mesmo a 8, os allemãs só poderiam ter contado com 4 C.E. para o ataque.

Só uma cousa se pode censurar á Allemanha: é sua declaração de guerra á Russia e a França. Mas isto preencheria apenas uma formalidade porque, na realidade a declaração de Guerra nada alterou.

Quem apreciar com justiça ás occurrencias não poderá responsabilizar a Allemanha pelo desencadeamento da lucta.

Se a Entente pretende pois apontar a Allemanha como causadora do inicio da Guerra isto não passa de uma insinuação. A culpa provém da mobilização russa, do contrario a Allemanha teria continuado a proceder com todas as cautelas. O Reichskanzler julgou necessario a declaração de guerra em vista das exigencias de caracter militar porquanto era preciso que a Allemanha tomasse immediatamente a offensiva contra a França, através da Belgica, uma vez que a mobilização Russa tornara inevitavel a existencia de duas frentes. A passagem pela Belgica era fructo da necessidade.

O Ministro da Guerra, von Falkenhayn e o Almirante von Tirpitz foram contrarios á declaração de guerra. Este disse que o General von Moltke não se manifestara pela guerra, nem contra a França nem contra a Russia. A recente publicação "Documentos relativos ao inicio das hostilidades", diz que não ha fundamento para que se pense que o general von Moltke julgara inutil sob o ponto de vista militar que fosse declarada a Guerra nem tão pouco a exigira. As medidas por elle tomadas relativamente á mobilização contra a Russia e a França bastariam. Só o ultimatum á Belgica no dia 2 fóra considerada medida de caracter militar. Não foi essa medida que determinou o estado de guerra nem contra a França e muito menos contra a Russia; o ultimatum nada tinha a ver com isto nem permittia essa supposição. O General von Moltke, accentuava n'uma declaração de 2/8, publicado pelo Ministerio do Exterior: "A declaração eventual de guerra á França, nada terá que ver como o ultimatum enviado á Belgica. Aquella independente deste. Não julgo necessario, por emquanto, que se faça declaração de guerra á França."

Considero que sem ella a França, por exigencia particular, será forçada a nos atacar sem declaração formal de guerra. Por emquanto a França, sob pretexto de proteger a Belgica nella penetrará logo que seja conhecida em Paris a declaração que enviámos á Belgica. Por nossa parte foi ordenado que se não transpuzesse a fronteira franceza até o momento em que não fossemos por estes atacados".

Subsidios para os quadros de reserva

Pelo Cap. A. J. Pamphiro

ENGENHARIA

VII

PAPEL DOS GRUPOS DE COMBATE E DAS METRALHADORAS NA ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA

A OSSATURA da defesa da posição é constituída pelas armas automaticas dos grupos de combate da Infantaria e pelas metralhadoras leves ou pesadas" (R.O.T. 1.º Parte — Cap. III. — 3).

Retomando a ligação com o exposto em o nosso numero VI vemos que, abrangendo de um ponto de vista superior o conjunto de organizações defensivas que podem ser guarnecidas por um Exercito, encontraremos em uma dada frente:

a) um ou mais sectores, guarnecidos cada um por uma D.I. ou eventualmente por uma Brigada Mista;

b) em cada Sector varios sub-sectores, defendidos cada um por Brigada ou um Regimento de Infantaria;

c) em cada Sub-sector um certo numero de Centros de Resistencia, cuja defesa de cada um compete a um Batalhão ou eventualmente fracção menor;

d) finalmente cada Centro de Resistencia compõe-se de um numero variavel de pontos de apoio, a que guarnece uma companhia ou pelotão.

Entretanto todas essas sub-divisões do terreno e da tropa só existem para que o Commando se possa exercer com facilidade, de maneira a que todos os órgãos da defesa obedeçam a uma vontade unica — a do Chefe —, que se faz sentir através do órgão coordenador por excellencia — o Estado Maior —, a quem cabe elaborar o Plano de Defesa.

Perante o inimigo toda a organização defensiva deve apparecer sem solução de continuidade, de maneira que a elle ella semelhe um só bloco, agindo de uma só forma, obedecendo a uma direcção unica.

Por isto todas aquellas subdivisões não devem transparecer ao inimigo e para tal fim todas ellas

se protegem e flanqueiam pelo fogo de tal forma que para o assaltante exista ininterrupta e efficiente uma cortina de fogo, barrando ao inimigo o accesso á frente organizada.

Tal cortina é obtida dispondo no terreno convenientemente as armas automaticas (F.M.), e as metralhadoras leves e pesadas de forma que ellas cruzem as suas trajetórias á frente do terreno a defender.

E' o que syntheticamente diz o R.O.T. no periodo que transcrevemos no inicio deste capitulo.

E para que possam os nossos leitores fazerem uma ligeira idéa de como as cousas se passam na realidade, vamos a traços geraes delinear o processo a seguir para organizar o plano de defesa, partindo do escalão Divisão isto é, do Sector.

O problema comporta duas phases:

1.ª — Estudo do thema na carta;

2.ª — Reconhecimento do terreno para adoptar ou modificar a solução obtida na carta.

Assim na carta o Chefe, com o seu Estado Maior escolhem: primeiro o local onde vae collocar as suas tropas afim de dar a batalha, isto é, a zona a organizar defensivamente; segundo — quaes os pontos principaes a defender, cuja defesa comporta o effectivo de um batalhão, isto é, quaes e quantos centros de resistencia; em escalões subordinados se determina o n.º de pontos de apoio que cada um comporta; terceiro — em seguida estes C.R. são agrupados em Sub-Sectores de R. I. e Brigada da Infantaria, o que feito está a tropa dividida pela posição a defender.

Tal em rapidos, traços o trabalho na carta. Findo elle passa-se ao terreno.

O Chefe faz um reconhecimento geral para ver se é possível ao mesmo adaptar os resultados a que chegou na carta, modificando-os ou não.

Da mesma forma procedem os chefes subordinados e assim se chega até á locação das metralhadoras leves e pesadas e dos fuzis metralhadores dos Grupos de combate, obtendo-se então no terreno a

Por outro lado, documentos existentes (nos. 562 e 608) dizem que o general von Moltke, nenhuma objecção fundamental fizera ao projecto da declaração de guerra á Rússia e á França, declarando apenas opinar pelo retardamento da citada declaração.

Outras informações de merito a respeito da participação de Moltke na declaração de guerra não são conhecidas.

No E.M. não existiam documentos dos quaes se possa verificar isto.

O Conde Waldersee, outro Sub-chefe do E.M. e que não estava presente na occasião

em que fôra decidida a guerra, diz que o General von Moltke era de opinião, e elle tambem, que a declaração de guerra seria desnecessaria, bastando apenas a mobilização. Isto foi assegurado por outras pessoas e corresponde em verdade, á realidade.

O General von Moltke não exigiu a declaração de guerra apesar de não se ter opposto á decisão tomada.

A declaração de guerra produzira mau effeito e deu oportunidade para se enxergar na Allemanha intenções de conquista,

dando além disso, á Italia e a Rumania occasião para se furtarem aos compromissos tomados. A Allemanha poderia tomar as providencias militares que a situação exigiu, sem previa declaração de guerra, não devendo isto corresponder á protellação dessas medidas.

Indubitavelmente existia no E. M., no Exercito e ainda em torno do Imperador, um partido militar que forçava a guerra.

Que tambem na Rússia elle existia, está comprovado no processo Suchomlinov.

ossatura de ferro, que constitue o verdadeiro esqueleto da posição. Está então o terreno transformado, não mais em instrumento pacífico na mão do agricultor e sim em poderosa arma, manejada competentemente pelo homem na guerra.

Assim como o C. R. é a unidade tactica defensiva o Grupo de Combate (G.C.) é a cellula da organização defensiva.

Cada G.C., ou melhor o seu F.M. recebe uma missão determinada, um objectivo a bater. A' esquadra de protecção de cada um compete protegê-la de maneira que não possa falhar a sua missão no momento decisivo.

Por sua vez os G.C. se protegem mutuamente se flanqueando.

Quanto ás metralhadoras são protegida quer pelo proprio dispositivo dos G. C., quer por se destacar certos G.C. para protegê-las especialmente.

"Para que cada um desses elementos possa desempenhar o seu papel, é essencial que estejam ambos ao abrigo do fogo do inimigo, e que se possam comunicar entre si.

O primeiro cuidado de um grupo de combate, e também o de uma secção de metralhadoras que se installa no terreno, será, portanto, enterrar-se, e deverá fazê-lo com os seus proprios meios, sem cessar de, em cada momento, estar prompto para cumprir sua missão".

(R.O.T. — 1.º — Parte — Cap. III—3).

VIII

PETRECHOS DE FOGO DA INFANTARIA

Pelo que anteriormente temos dito se pode bem comprehender que o plano de fogo da Infantaria tem por fim organizar á frente do terreno occupado pela tropa, e que urge defender, uma zona mortífera intransponível ao atacante.

Esta zona é creada ou melhor toma este caracter pelo cruzamento judicioso das trajetórias das armas automaticas — F.M., Mtr. L., Mtr. P. —, em toda a frente que obrigatoriamente o inimigo terá de transpôr para assaltar as posições.

E é de notar que para conseguir tal objectivo cada arma automatica toma uma posição tal que lhe permita *bater* de enfiada o terreno de accesso ao inimigo.

Só assim se pode de facto offerecer uma barreira de fogo ou melhor de aço ás tropas de assalto inimigas.

Para tal fim conseguir é preciso pois que cada arma automatica atire sómente na direcção que lhe foi imposta, no momento do ataque.

Por isto determina o R.O.T. cap. III-3 — "Cada uma dessas armas recebe uma missão normal claramente definida, sob a forma de uma zona de terreno a bater em uma direcção determinada. Nada deverá desviar a arma automatica desta missão no momento do ataque inimigo".

E, a titulo de esclarecimento adduzimos ser necessario acostumar o homem a atirar em uma direcção que não seja a normal á sua frente, pois frequentemente assim succederá na guerra, uma vez que a arma colhe o inimigo de enfiada. E' preciso que o atirador se convença que elementos col-

locados nos seus flancos batem o inimigo que normalmente á sua frente avançar.

Para completar a trama, verdadeiro rendilhado formado pelas trajetórias dos fuzis, F.M. e até granadas de mão e de fuzil, entram em acção o canhão 37 e o morteiro Stoke de cada um dos quaes cada Btl. I. tem um especimes.

O R.I. poderá permittir que cada Btl. I. empregue *ad libitum* os seus petrechos para organizar seu plano de fogo ou, ao contrario, grupa-los em bateria de canhões ou de morteiros e emprega-los em massa para bater determinadas zonas da frente do sector do R. I.

Seja como fôr o canhão 37 é a arma do tiro raste, especialmente adequada para bater as metralhadoras inimigas; sua collocação já é feita em funcção dos locaes provaveis para posição das mesmas.

O morteiro stoke é a arma do tiro curvo, empregado especialmente para bater os angulos mortos da posição e os locaes provaveis de concentração e reunião das tropas para o assalto.

"Os seus lugares são escolhidos em funcção dessas missões. Em principio, os petrechos de Infantaria conservam-se bastante á retaguarda das primeiras linhas e sufficientemente protegidos pelo dispositivo geral" (R.O.T. Cap. III — 4).

BIBLIOGRAPHIA

Publicações recebidas:

- Primeira, a revista por excellencia, numeros
Revista Militar e Naval, Montevideo, Março, Abril.
Boletim do Circulo dos Officiaes Reformados do Exército e da Armada;
Revista del Circulo Militar del Perú, Lima, Fevereiro e Março;
Revista del Circulo Militar, San Salvador, Novembro e Dezembro;
Revista Marítima Brasileira, Rio, Abril;
Revue de Cavalerie, Mars-Avril, Paris;
Revista Militar, La Paz, Fevereiro, Março e Abril;
Boletim do Museu Nacional, Rio, Março;
Revista de Policia, Rio, Abril;
El Soldado, Mexico, Março;
Revista del Ejercito y de la Marina, Mexico, Fevereiro;
La Conquête de l'air, Paris, Avril;
Revista Militar del Ejercito, Bogotá, Fevereiro e Março;
Moeda e Credito, Rio, Março e Abril;
Revista de las Españas, Madrid, Março;
Revista da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, Março e Abril;
Monitor Mercantil, Rio, Abril e Maio;
A Guerra e sua Preparação, Fevereiro e Março;
Beira Mar, Rio, Maio;
La-Patria, Mexico, Abril;
Brasil American, Março e Maio;
Liga Marítima Brasileira, Rio, Abril;
Revista del Centro Militar, Tagucigalpa, Março;
L'Ala d'Italia, Milão, Abril;
Revista Militar, Buenos Aires, Abril;
Alerta, Montevideo, Fevereiro, Março e Abril;
Revista Technica, Rio, Abril;
El Intendente, Mexico, Março;
Revista Aerea, Mexico, Janeiro;
El Ejercito Nacional, Quito, Março;
"Engineering" Directory, Janeiro.

Ame-se a paz antes de odiar a guerra

Ignacio José Verissimo

Entre pantanos e cadaveres a paz é dom; entre santos — premio; entre homens, equilibrio de interesses.

Os poetas sempre viram a guerra pelo coração. Essa agonia — velha como o mundo, — mote de todas as glosas possíveis — mal tem servido ao homem e a elles proprios. A guerra continua de pé, com todas as suas crueldades, com todos

bem aqui tem apparecido, algo de incipiente, mas espontaneo, que "condemna e reage contra a guerra, que "só é igual em horror á sua estupidez".

E os autores dessa nova literatura vêm a solução immediata da paz na extinção das classes armadas.

Sentida ou falsa — tal receita tem, para mim, — a virtude de me interessar e por isso, aqui me acho —

confessar que a sentiram, apenas, pelo coração —; que foram victimas de uma emoção, por certo sincera, mas necessariamente falsa e, em consequencia... que araram no mar.

Antes de mais nada é preciso convir que a guerra deve escapar, pela sua crueza, pelo seu horror, pelas consequências moraes e materiaes que acarreta, — ao lyrismo piegas de qualquer "bem intencionado".

Neste capitulo as "boas intenções" são crimes, porque nada constroem e nada evitam. E nada construindo, nos deixam a mercê mesmo da guerra; da guerra que pensam evitar, só porque descobrem, nella, o indice de uma actividade, que lhes é antipathica e, sem penetrar nas suas origens, nas suas leis, no seu processus confundem as suas preferencias politicas com a propria guerra.

★ ★ ★

A guerra não deve ser em primeiro grau a nossa preocupação. Antes de pensar em extingui-la, extinguindo os symbolos della, na paz, pensemos nesta, na sua manutenção, e voltemos para ai os nossos esforços. Mas não nos esqueçamos, entretanto, que paz quietude — paz si'encio — paz imobillidade — não outorgou a Natureza senão aos pantanos e aos cadáveres. Entre homens ella é apenas equilibrio de interesses.

Mal avisados andam pois aquelles que crêm na paz direito — na paz convenção — na paz contracto. Só os santos a merecem por premio; entre homens seria necessario estancar a vida.

O desequilibrio das funcções traz a doença; o desequilibrio de interesses traz a guerra e ambas guerra ou doença, são manifestações do mesmo phenomeno



Almoço offerecido, na sede dos Bandeirantes, ao Governador Adolpho Konder, que se acha ladeado pelo Ministro Victor Konder e pelo Presidente do Club, Dr. Porto d'Ave.

os seus crimes, e os seus horrores, desmentindo a solidariedade humana como se a nossa obra pacifica fôsse a propria negação da vida.

Incorporando-se a essa literatura que prega o "santo horror a guerra" a literatura dos Zolas — dos irmãos Margueritte — dos Mirbeau — tam-

para perguntar aos D. Quixotes dessa nova Cruzada se já pensaram sobre a guerra, se já lhe procuraram conhecer as causas e surprehender-lhe os contornos, se já meditaram sobre a maneira de se lhe oppôr um para-deiro e assegurar a paz.

Se nada disso fizeram — devem

RELOJOARIA GONDOLO

Unicos Agentes para o Brasil de Patek, Philippe & Cia.

RUA DA QUITANDA N. 81

OFFICINA MODELO PARA CONCERTO DE RELOGIOS

NOSSA CASA DEDICA SE EXCLUSIVAMENTE Á ARTE DE RELOJOARIA

RIO DE JANEIRO

- desequilíbrio funcional entre órgãos,
- desequilíbrio de interesses entre homens.

Por isso o hygienista começa, estudando os meios de manter a saúde — que é a paz do corpo.

Imitemo-lo pois; não conservemos a paz com desejos e razões — mas com medidas praticas — politicas, — economicas — militares — que a assegurem por muito tempo. Se o equilibrio se romper; se apesar das medidas que lhe oppusermos a doença imperar — então chame-se o medico e não se queira, por horror a ella, começar por odiá-lo tambem.

Na hora da crise; no momento em que o organismo busca readquirir o seu equilibrio — só o medico poderá coordenar, nesse organismo, as suas resistencias á doença que o domina.

Assim tambem com medico ou com curandeiro, com militares ou apenas com guerrilheiros, o corpo e a Nação, terão que lutar contra a doença; contra o desequilíbrio de sua saúde — contra a guerra, — senão quizer succumbir de todo.

Eliminem-se os medicos; eliminem-se os militares e tudo ficará de pé, porque sempre hade haver a doença e a guerra; o curandeiro ou o guerrilheiro e a morte e a derrota andarão com mais probabilidade em torno do organismo desequilibrado.

* * *

Não se conserva a paz pregando contra a guerra nem se evita esta extinguindo os Exercitos. Infelizmente, para todos nós ella escapa a tão simples therapeutica.

A ingenuidade dos "bons" a crê, entretanto, localizada nos armamentos e nos homens que os servem. E então — coherentemente — baseiam suas esperanças na extinção dessa primeira expressão da guerra.

Mas o que é armamento?

Creio que se poderá definir, tecnicamente, que é a expressão tangivel da potencia militar de um país.

Mas a potencia militar de um país na sua capacidade á guerra?

Como capacidade latente á guerra a Alemanha ainda é um organismo formidavel; apenas falta a essa organização um elemento coordenador de suas actividades para a guerra, que responda proporcionalmente as suas proprias possibilidades, isto é, suas forças Armadas estão, hoje, incapazes de enquadrar — á primeira mão — a Nação para a luta.

Mas esta verdade só se traduz, através dos armamentos, no caso, isolado, de uma Nação desarmada face a outra que conserva a posse dos armamentos. No caso, porém, de desarmamento geral ou de limitação geral — que resultará?

As nações fortes — os Estados Unidos — as Alemanhas, as Inglaterras, etc. — terão sempre muito mais capacidade á luta, muito mais potencia intrinseca — impossivel de convenções internacionais — que o Brasil — a Argentina, etc.

Ao contrario, pois, do que se afirma, o armamento é apenas effeito e não causa da guerra. Elle exprime, em regra, maior ou menor receio da guerra, maior ou menor desejo da guerra. Eliminando esse receio ou esse desejo; diminuindo as causas da guerra — o bom senso humano, naturalmente, economicamente será levado a diminuir os effectivos militares.

Por isso inclino-me, a crêr que a solução está antes em medidas de caracter politico-economicas que tornem os interesses entre os povos por

tal forma ligados, — por tal maneira entrelaçados que elles se condicionem num unico systema de equilibrio, de funções, de vida. Então ai, afastado o perigo da guerra, tornada essa prejudicial a todos e, em consequencia, a paz exista por uma necessidade geral — então sim, é possivel — acrescentar ás causas da paz, mais esta — a da diminuição dos armamentos. Mas enquanto não se fizer isso — querer extinguir os armamentos pensando extinguir a guerra — lembra aquelles cachorros de La Fontaine que desejando alcançar um burro afogado — começaram por querer esvasiar o lago, bebendo-o.

E se não se assegurar a paz pelo interesse commum della, tudo redundará a repetir, aqui, a velha experiencia Europeá — a paz de convenções e, egoismo, que com armas ou sem ellas não mantêm nenhum equilibrio entre os povos, nenhum respeito, nenhuma compensação.

E a fabula do Cordeiro e do Lobo — continuará a se repetir na Historia.



Monteiro Lobato e Murillo Lavrador, fundadores do Nucleo Bandeirante de New York, mandam-nos do grande centro norte-americano este grupo em que apparecem, em companhia da Exma. Familia do creador immortal do "Jeca Tatú", da pianista patricia Dila Josetti e do Sr. Henrique Blunt e Exma. Senhora.

O CEREBRO DE ANATOLE FRANCE

DELA exposição que, perante a Academia de Medicina de Paris, apresentaram os medicos que se encarregaram do embalsamamento do corpo de Anatole France, ficaram conhecidos interessantes resultados do exame procedido no cerebro do grande escriptor. Segundo essa pericia, o cerebro de Anatole pesava uma insignificancia: apenas mil cento e noventa grammas, o que é inferior á média.

O exame veio demonstrar, mais

uma vez, que o peso do cerebro nenhuma relação tem com a intelligencia do individuo. A intelligencia depende mais da complicação das dobras e dos sulcos da massa cerebral. Deste ponto de vista o cerebro de Anatole era admiravel. As circumvoluções estavam separadas por sulcos profundos, flexuosos, atravessados por circulas secundarios, etc. Os lobos frontaes e occipitales, particularmente, eram de uma rara complexidade.

Não é a quantidade de miolo que regula. E' a qualidade, ou, melhor, é a maneira por que se acha distribuido.